

ANNIE BESANT

DO
RECINTO EXTERNO
AO
SANTUÁRIO INTERNO

PENSAMENTO

DO

RECINTO EXTERNO

AO

SANTUÁRIO INTERNO

Annie Besant

A par de sua atividade como líder de muitos movimentos de cunho social, Annie Besant (1847-1933), autora de mais de 300 livros e panfletos, desenvolveu intensa atividade junto à Sociedade Teosófica, da qual tornou-se a segunda presidente mundial.

Muitos de seus trabalhos tiveram origem em conferências proferidas em suas longas viagens pelo mundo, analisando temas que serviram de inspiração e orientação para milhares de pessoas ávidas por descobrirem o sentido da vida.

Igual origem tiveram os cinco capítulos aqui reunidos sob um título geral — Do Recinto Externo ao Santuário Interno — nos quais Annie Besant descreve a jornada da evolução humana e mostra a trilha ao longo da qual a humanidade caminha lentamente rumo ao Templo, que é a sua meta, explicando o porquê dessa caminhada e as razões da sua extrema lentidão.

EDITORA PENSAMENTO



Sobre a autora:

Nascida em Londres em 1847, a dra. Annie Besant assumiu em 1907, nessa mesma cidade, a presidência da Sociedade Teosófica, prosseguindo, aí, seu glorioso apostolado em prol da justiça e da verdade, porém sob um prisma mais translúcido e delicado, onde operou a transmutação de seus princípios como livre-pensadora. Aliás, não somente nesse campo desempenhou papel de destaque, como também em outras atividades, como escritora, administradora, instrutora e educadora. A eminente teósofa sempre encontrou tempo para trabalhar em qualquer setor construtivo.

A orientação intelectual e espiritual ministrada ao então jovem pensador Krishnamurti, hoje nome universalmente conhecido e cujas idéias vêm há longos anos revolucionando o vasto campo da filosofia, também esteve a cargo da dra. Besant que, dessa forma, pôde efetivamente contribuir para a formação do espírito do filósofo hindu a quem muitos devem a descoberta de novos horizontes no campo do espiritualismo.

Peça catálogo gratuito à

EDITORA PENSAMENTO

Rua dr. Mário Vicente, 374

Fone: (0XX11) 272-1399

Fax: (0XX11)272-4770

E-mail: pensamento@cultrix.com.br

<http://www.pensamento-cultrix.com.br>

**DO RECINTO EXTERNO
AO
SANTUÁRIO INTERNO**

ANNIE BESANT

DO RECINTO EXTERNO

AO

SANTUÁRIO INTERNO

Tradução

NAIR LACERDA



EDITORA PENSAMENTO

São Paulo

Título do original:

From the Outer Court to the Inner Sanctum

Publicado originalmente pela *The Theosophical Publishing House*

Edição	O primeiro número à esquerda indica a edição, reedição, desta obra A primeira dezena à direita indica o ano em que esta edição ou reedição foi publicado.	Ano
3-4-5-6-7-8-9-10-11		01-02-03-04-05-06

Direitos de tradução para a língua portuguesa
adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 374 - 04270-000 - São Paulo, SP
Fone: 272-1399 - Fax: 272-4770
E-mail: pensamento@cultrix.com.br
<http://www.pensamento-cultrix.com.br>
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso em nossas oficinas gráficas.

Índice

I. PURIFICAÇÃO.....	7
II. O CONTROLE DO PENSAMENTO	26
III. A FORMAÇÃO DO CARÁTER.....	46
IV. ALQUIMIA ESPIRITUAL.....	66
V. NO LIMIAR.....	85

I. PURIFICAÇÃO

Se nos fosse possível colocar-nos, em pensamento, num centro do espaço, do qual pudéssemos ver o curso da evolução, e estudar a história da nossa cadeia de mundos, tal como podem ser vistos pela imaginação mais do que pelo aspecto que apresentam, poderíamos interpretar o todo num quadro. Vejo uma grande montanha situada no espaço, com um caminho que vai girando em torno dela até atingir seu ápice. As voltas que esse caminho dá são sete, e em cada volta há sete estações onde os peregrinos ficam durante algum tempo. Dentro dessas estações eles têm de subir, volta por volta. Quando traçamos o caminho que sobe por aquela trilha em espiral, vemos que ele termina no topo da montanha, e leva a um majestoso **Templo**, como que feito de mármore, de uma brancura radiante, e que ali se ergue, cintilando contra o azul etéreo.

Esse Templo é a meta da peregrinação, e os que estão no seu interior terminaram o seu percurso — no que se refere à montanha — e ali permanecem apenas para auxiliar os que ainda estão subindo. Se observarmos o **Templo** mais atentamente, constataremos, ao tentar ver a sua construção, que ele tem, ao centro, um **Santo dos Santos**. Em torno desse centro estão os quatro Pátios, circundando o Santo dos Santos como círculos concêntricos. Todos estão dentro do **Templo**.

Uma parede separa cada **Pátio** do que lhe é contíguo, e para passar de um **Pátio** para o outro o caminhante deve atravessar uma porta, apenas uma em cada parede circundante. Assim, todos os que alcançarem o centro terão de passar por aquelas quatro portas, uma por uma. Fora do **Templo** ainda há outro recinto fechado — o **Pátio Externo** — e esse **Pátio** acolhe muitos peregrinos, mais do que os que estão dentro do **Templo** propriamente dito.

Olhando para o **Templo** e para os **Pátios**, e para o caminho que sobe em espiral pela montanha, vemos esse quadro da evolução humana e a trilha ao longo da qual a raça está caminhando, bem como o Templo, que é a sua meta. Ao longo daquele caminho que dá voltas à montanha, vasta massa de seres humanos vai de fato subindo, mas subindo vagarosamente, passo por passo. Às vezes, tem-se a impressão de que cada passo para a frente corresponde a um passo para trás, e embora a tendência de toda aquela massa seja para subir, a ascensão é tão lenta que os passos mal se fazem perceptíveis.

Esta evolução eônia da raça, subindo sempre, parece tão lenta, extenuante e dolorosa que nos perguntamos como podem os peregrinos ter ânimo para subir durante tanto tempo. Dando voltas à montanha, milhões de anos se passam, e na marcha de milhões de anos o peregrino segue. Enquanto ele caminha por ali durante esses milhões de anos, uma infundável sucessão de vidas parece passar, todas despendidas na subida. Cansamo-nos só de observar as imensas multidões subindo tão lentamente, caminhando, volta por volta, na escalada daquela estrada em espiral. Observando-as, indagamo-nos: *"Por que sobem com tanto vagar? Por que esses milhões de homens empreendem uma viagem tão longa? Por que se esforçam por alcançar aquele Templo situado lá no ápice?"*

A marcha se nos afigura muito lenta porque eles não vêem seu ponto de chegada, a sua meta, e não percebem em que direção estão viajando. Observando alguns caminhantes, vemos que estão sempre se desviando para os lados, atraídos para cá e para lá, sem qualquer propósito em seu caminhar. Não andam diretamente para a frente, atentos ao que fazem, mas perambulam, como crianças, correndo atrás de uma flor ali, tentando apanhar uma borboleta acolá. Assim, temos a

impressão de que todo seu tempo é desperdiçado, e apenas um pequeno avanço chega a ser conquistado quando a noite cai sobre eles e o dia de marcha termina.

Não parece sequer que o próprio progresso intelectual, lento como também é, torne o passo mais rápido. Quando observamos aqueles cujo intelecto é escassamente desenvolvido, eles dão a impressão de que, depois de cada dia vivido, mergulham no sono e dormem quase que no mesmo lugar que ocuparam na noite anterior. E quando voltamos os olhos para aqueles que se mostram mais altamente evoluídos, no que se refere ao intelecto, também esses estão viajando devagar, muito devagar, e a cada dia de vida parecem fazer pequeno progresso. Olhando assim para eles, nosso coração sente-se fatigado com aquela subida, e ficamos a pensar por que não erguem os olhos e entendem em que direção seu caminho os está levando.

Agora, o **Pátio Externo**, que alguns dos caminhantes da vanguarda estão alcançando, aquele **Pátio Externo do Templo**, dá a impressão de que pode ser atingido não apenas pelo caminho circulante, volta por volta, tão longo em torno da montanha, mas também por caminhos mais curtos que não a circundam, mas que podem ser escalados diretamente pelos flancos, se o coração do viajante for corajoso e suas pernas se mostrarem resistentes. Ao tentar ver como os homens encontram um caminho mais rápido para o **Pátio Externo** do que aquele que vem sendo trilhado por seus companheiros de viagem, parece que percebemos que o primeiro passo é dado para fora dessa longa espiral quando alguma Alma, que talvez por milênios tenha estado viajando volta por volta, compreende, pela primeira vez, o propósito da viagem, e vislumbra, por um momento, uma cintilação vinda do **Templo**, lá do ápice. Porque aquele **Templo** branco envia raios de luz sobre os flancos da montanha. De vez em quando um viajante levanta os olhos, afastando-os

das flores, das pedrinhas e das borboletas que estão pelo caminho, e aquela cintilação atrai o seu olhar. Olha para cima, para o **Templo**, e, por um momento, ele o vê.

Depois desse momentâneo relancear de olhos, nunca mais aquele peregrino será o mesmo, porque, embora apenas por um instante, compreendeu quais eram a meta e a finalidade. Viu o ápice rumo ao qual está galgando, e viu também o caminho íngreme, mas muito mais curto, que sobe diretamente do flanco da montanha até o lugar onde o Templo resplandece. Compreende, naquele momento, que a estrada tem um nome — "*serviço*" — e que os que enveredam pelo caminho mais curto devem entrar através de uma porta, onde as palavras "*Serviço do Homem*" estão brilhando com letras douradas. A **Alma** compreende que, antes de poder alcançar pelo menos o **Pátio Externo do Templo**, deve passar através daquela porta e compreender que a vida é feita para o serviço e não para a auto-procura, que a única maneira de subir mais rapidamente é fazê-lo por amor dos retardatários, a fim de que o auxílio mais eficaz, vindo do **Templo**, possa ser enviado ao encontro dos que vêm subindo, o que de outra forma não seria possível.

Essa visão não passou de um vislumbre fugaz, foi apenas um rápido olhar ziguezagueante, porque os olhos foram colhidos por um único dos raios de luz dimanados do alto da montanha. Há tantas coisas atraentes dispersas ao longo daquela estrada em espiral, que o relancear dos olhos da **Alma** facilmente se deixa atrair para elas. Mas, uma vez recebida aquela cintilação, existe a possibilidade de a alma obtê-la de novo, com maior facilidade. Quando a meta procurada, o dever e o poder do serviço lograram essa momentânea e imaginativa compreensão da **Alma**, permanece ali o desejo de trilhar uma senda mais curta e encontrar o caminho que leve diretamente, pelo flanco da montanha, ao **Pátio Externo do Templo**.

Após aquela primeira visão, a Alma é visitada amiúde pelos raios de luz, cujo brilho vai se tornando cada vez mais intenso. Vemos que essas **Almas**, que apenas por um momento reconheceram que há um escopo, um propósito na vida, começaram a subir com maior resolução do que suas semelhantes. Embora ainda estejam dando voltas em torno da montanha, observamos que começam a agir com maior firmeza no que se refere às virtudes, e que se dedicam com maior persistência ao que reconhecemos como religião, essa religião que se esforça por ensinar-lhes como podem subir, e como o **Templo** pode finalmente ser alcançado.

Essas são as **Almas** que se distinguem entre as suas semelhantes pela sua diligência e vigilância. Elas caminham mais depressa, porque estão seguindo uma direção que principiam a vislumbrar qual seja, e assim começam, ainda que de maneira imperfeita, a tentar viver com um propósito definido. Apesar de ainda mal identificarem a natureza desse propósito — porque têm dele mais uma vaga intuição do que uma compreensão precisa — ainda assim já não estão perambulando ao acaso, de um lado para outro, às vezes um pouco para cima, às vezes mais para baixo. Estão, agora, subindo deliberadamente pelo caminho em espiral, e a cada dia seguem um pouco mais depressa, até se destacarem nitidamente à frente das multidões pela espiritualidade de sua vida, pela prática das virtudes e pelo desejo crescente de serem úteis aos seus semelhantes. Começam a empreender seu caminho para a vanguarda com maior celeridade, estão sempre buscando ajudar os que as rodeiam e tentando impulsioná-los mais depressa ao longo do caminho.

Em breve, com aqueles que, assim, estão amando e servindo, virá ao seu encontro uma figura que é bela, embora à primeira vista seu aspecto seja severo. Essa figura é o **Conhecimento**, e ele sussurra-lhes algo sobre as condições exigidas para um progresso mais rápido. A **Religião**, que os tem ajudado na prática

das virtudes, é, por assim dizer, a irmã desse **Conhecimento**, como também o é o **Serviço do Homem**. E os três, reunidos, começam a encarregar-se da **Alma**.

Por fim, uma alvorada mais brilhante se faz presente, e, com ela, a identificação mais completa. E percebemos que a **Alma** começa a definir para si mesma a finalidade da sua subida, não apenas sonhando com o futuro, mas tornando esse sonho mais concreto em sua intenção. Veremos essa **Alma** identificando o **Serviço** como lei da vida. Agora, deliberadamente, desprende-se suavemente dos seus lábios a promessa de ajudar no progresso da raça. Esse voto é o primeiro que a **Alma** faz, o de doar-se, às vezes, ao serviço da raça — um voto que ainda não contém um propósito bem-definido, mas que já existe em embrião.

Lê-se, numa **Escritura Antiga**, que um dos **Grandes Seres** subiu pelo caminho íngreme, e tão rapidamente, que deixou para trás toda a sua raça, encontrando-se sozinho à frente de todos, simbolizando a primeira oferenda da humanidade. Sobre ele, que posteriormente foi conhecido como o **Buda**, afirma-se: "*Ele aperfeiçoou seu voto, Kalpa* após Kalpa.*" A obra que iria coroar Sua vida teve de iniciar-se com a promessa de **Serviço**. Esse voto da **Alma** é que vai uni-la aos **Grandes** que já partiram, e produz, por assim dizer, o vínculo que a leva ao caminho probatório, o caminho que a conduzirá para dentro, e, através do **Pátio Externo**, para cima, para a própria porta do **Templo**.

Por fim, após muitas vidas de esforços, muitas vidas de trabalho, tornando-se mais pura, mais nobre e mais sábia vida após vida, a **Alma** revela distintamente uma vontade que agora se faz mais forte. Quando essa vontade se exprime como claro e definido propósito, não mais o sussurro que aspira, mas a palavra que ordena, então essa vontade resoluta baterá à porta que leva ao **Pátio**

* Longo período de tempo, composto de períodos menores chamados Manvantaras, que, por sua vez, compreendem períodos mais curtos chamados Yugas. É palavra sânscrita. (N. T.)

Externo do Templo, com um toque que ninguém poderá recusar. Esse toque revela a força da **Alma** que está determinada a vencer, e aprendeu bastante para ter noção da magnitude da tarefa que vai empreender.

É uma tarefa que não pretende menos do que isso: separar-se da sua raça, daquela raça que vai subindo, volta por volta, durante milênios, passando ainda pelas rondas de um globo a outro, aquilo que conhecemos como a cadeia em fatigante sucessão. Essa **Alma** corajosa pretende subir a mesma montanha em apenas umas poucas vidas humanas; pretende, passo a passo, enfrentar a colina em seu mais íngreme ponto, o caminho que a conduzirá diretamente para cima, para o próprio **Santo dos Santos**. Tarefa de tal grandeza que o cérebro, ao pretender enfrentá-la, poderá até vacilar.

Seria possível afirmar que a **Alma** que se propõe a tanto começou a compreender sua própria divindade e a onipotência que está dentro dela própria como em um relicário. Empreender em poucas vidas o que a raça, como um todo, vai realizando, não só quanto às raças que estão à frente, mas quanto às rondas que também estão no futuro — fazer isso é, certamente, tarefa digna de um Deus, e a sua realização significa que o poder divino está se aperfeiçoando dentro de uma forma humana.

Assim, a **Alma** bate à porta, que se abre para dar-lhe passagem, e ela entra no **Pátio Externo**. Atravessa-o, passo por passo, até alcançar a primeira das portas que levam ao **Templo**. Cada uma daquelas quatro portas é uma das grandes Iniciações. **Alma** alguma pode caminhar para além da primeira se não tiver aceito o **Eterno** para sempre, se não tiver renunciado ao interesse pelas coisas meramente transitórias que a rodeiam. Porque uma vez que a **Alma**, através da porta do **Templo**, tenha adentrado um dos **Pátios Interiores** que ficam para além dessa

porta e conduzem ao **Santo dos Santos**, nunca mais poderá sair dali. Aquela **Alma** escolheu seu destino para todos os milênios vindouros, e está no lugar do qual ninguém sai, uma vez nele entrado.

A primeira **Grande Iniciação** faz-se dentro do próprio **Templo**. A **Alma**, cuja evolução estamos descrevendo, entretanto, ainda se encontra em preparação naquele **Pátio Externo do Templo**, a fim de que em vidas futuras tenha a possibilidade de galgar os sete degraus para a primeira porta, e ali esperar permissão para atravessar o limiar do **Templo** propriamente dito. Qual será, então, seu trabalho no **Pátio Externo**? Dali por diante, Como levará suas vidas, a fim de tornar-se digna de bater à porta do **Templo**? Esse é o assunto que temos pela frente.

Ao descrever esse **Pátio Externo**, talvez eu diga muita coisa que possa parecer pouco atraente, até mesmo repelente. É bastante difícil encontrar o caminho para

O **Pátio Externo**, é bastante difícil praticar a religião e todas as virtudes que tornam a **Alma** humana preparada para, ao menos, bater à porta desse estágio externo. Os que ingressam nesse **Pátio** fizeram grande progresso no passado. Pode ser, e será, que para alguém que ainda não tenha compreendido de maneira definitiva a finalidade da vida, a vida que ali se leva se lhe afigure desagradável. Porque no **Pátio Externo** não há ninguém que não se tenha devotado em definitivo ao serviço, que não tenha renunciado a tudo e que nada peça em troca, senão o privilégio de servir. Reconheceram, de modo positivo, a natureza transitória das coisas terrenas e aceitaram, da mesma forma, a tarefa que desejam realizar. Haverá muita luta, naquele **Pátio Externo**, porque muito precisará ser feito ali em curto espaço de tempo.

As divisões que fiz desta tarefa são arbitrárias. Não se trata de passos, por assim dizer, através do **Pátio**, porque todas elas devem ser alcançadas simultaneamente. Trata-se de um treinamento simultâneo, não dividido em estágios, como tive necessidade de dividir para clareza da explicação. Chamei essas divisões de "*Purificação*", de "*O Controle do Pensamento*", de "*A Formação do Caráter*", de "*Alquimia Espiritual*" e "*No Limiar*".

A **Alma**, no **Pátio Externo**, está ocupada com todo esse trabalho, em todas as vidas que ali passa; essas tarefas devem, pelo menos parcialmente, ser aprendidas antes que a Alma ouse enfrentar a porta do próprio Templo. Precisamos compreender que não é a perfeita realização de qualquer desses passos o que a **Alma** deve obter antes de alcançar a porta da primeira Iniciação; o que ela precisa é esforçar-se, com algum sucesso, devendo compreender seu trabalho e realizá-lo com diligência. Quando o trabalho estiver perfeitamente realizado, a **Alma** estará no próprio **Santo dos Santos**.

A **Purificação**, então, deve ser parte do seu trabalho, a auto-purificação, a purificação da natureza inferior, até que cada parte dela vibre em perfeita harmonia com a superior. Tudo que pertence à parte temporária do homem deve ser puro para aquilo que chamamos personalidade, que não tem em si a individualidade permanente, sendo apenas uma reunião de qualidades e características que o indivíduo assimila, ao longo de muitas vidas. Esses são os invólucros com que a **Alma** se cobre e leva consigo vida após vida; é tudo quanto a individualidade permanente reúne quase sempre em torno de si durante a vida terrena, e disso extrai a essência, a fim de transfundi-la para seu próprio **Eu**, crescente e eterno.

A posição da Alma, nesse momento, quando entrou deliberadamente no **Pátio Externo** e viu o trabalho que a espera, está muito bem simbolizada na frase

usada pelo Sr. Sinnett: "*Submissão ao Eu Superior.*" Isso significa deliberada decisão de pôr à parte tudo o que é temporário e pertence à personalidade inferior. Cada vida a ser vivida nesse mundo inferior deve ser devotada ao propósito único de reunir material útil, que então pode ser entregue ao **Superior**, que vive e cresce com aquilo que o **Eu inferior** reúne. O **Eu inferior** compreende que seu único trabalho no mundo é servir de agente ativo e temporário, cujo papel é acumular tudo o de que o **Eu** permanente necessita. A sua essência pode, assim, construir a individualidade sempre crescente, que é superior à personalidade de uma vida. A "*submissão ao Eu Superior*" significa o reconhecimento, pelo **Eu inferior**, do serviço que lhe cabe, o viver não mais para si mesmo, mas para o fim do serviço que deve suportar. Toda a vida no **Pátio Externo** tem de ser essa vida de positiva fidelidade ao **Eu Superior**, que agora é compreendido como o verdadeiro **Eu**, que deve permanecer através dos tempos.

Os leitores talvez se recordem de terem lido em um dos **Upanishads*** que se um homem quiser encontrar a **Alma**, a primeira coisa a fazer é "*abandonar o mau caminho*", mas presumo que a **Alma** tenha feito isso ainda antes de entrar no **Pátio Externo**, porque os que ali entram já não estão sujeitos às tentações mais comuns da vida terrena, já as superaram. Quando chegam à encarnação que os levará ao **Pátio Externo**, pelo menos terão se desviado do mau caminho e deixado de trilhá-lo prazerosamente. Se forem encontrados em tal caminho, é porque sofreram um súbito escorregão, imediatamente controlado, nasceram com uma consciência que se recusa a deixá-los errar, quando o bem está diante deles. Embora a consciência possa agir erradamente, às vezes, pouco antes de entrar no **Pátio Externo**, e mesmo depois de ter ali entrado, ela ainda desejará, de uma forma ardente, escolher

* Livros sagrados hindus do século VI a.C, posteriores aos Vedas. (N. T.)

o bem. As almas que ali entraram têm o desejo deliberado de agir da melhor maneira possível.

Agora terão de tratar, não com as grosseiras tentações do mundo exterior, mas com as sutis e mais penetrantes tentações que chegam à alma, quando ela tem de viver tão rapidamente através de suas vidas, quando tem de subir com tanta rapidez pelo flanco da montanha. Não têm tempo a desperdiçar desviando-se de tentações, formando as virtudes lentamente. Devem subir, para a frente e para cima, sempre.

Essas almas ver-se-ão envolvidas por dificuldades intelectuais — tentações de ambição intelectual, de vaidade intelectual, tentações de se orgulhar pelo que assimilaram, e de agarrar-se firmemente, por amor de si própria, ao que obtiveram. Não só irão sentir o forte apelo da ambição que mantém tudo para si e constrói uma parede entre elas próprias e os que estão abaixo, mas também serão acometidas pelo desejo do conhecimento, conhecimento para si mesmas, conhecimento do que podem ganhar e manter, que dispõe mais contra o mundo do que a favor dele.

Essa tentação assume o disfarce de amor ao conhecimento em si mesmo, amor à verdade por ela própria. Muitas vezes a **Alma** chega a descobrir, à medida que sua visão se torna mais aguda e clara, que essa suposta aspiração ao amor é apenas o desejo de estar separada de seus semelhantes, de possuir o que eles não podem compartilhar, de gozar o que não se lhes dá. A separatividade é um dos grandes perigos da **Alma** em crescimento, o orgulho da separatividade e o desejo de estar separada, o desejo de crescer, aprender e obter um resultado, a fim de poder possuir. Essa é uma das tentações que irão acometê-la, mesmo depois de ela ter transposto a porta do **Pátio Externo**.

Em breve a **Alma** começará a compreender que, se quiser transpor o **Pátio Externo** e alcançar a porta que está cintilando à frente, deve despojar-se da ambição e do orgulho intelectual, e de tudo que a separa de seus semelhantes. Então, começará a purificar sua natureza intelectual, a perscrutar os motivos que a impelem ao esforço, a observar-se cuidadosamente à luz que irradia através das janelas do **Templo** e que inunda o **Pátio Externo** com as ondas da sua vida espiritual. Sob essa luz, toda sombra parece mais escura, e mesmo as coisas que se apresentam brilhantes no mundo inferior são vistas como sendo, afinal, sombras, e não raios de luz.

A **Alma** compreende então que essa natureza de desejo, que se mescla com a intelectual, deve ser purificada de qualquer contato com o eu pessoal. E ela começará, de maneira deliberada, o trabalho de purificação. Consciente e firmemente, dedicar-se-á ao trabalho de renunciar a tudo que procura obter para a personalidade, tudo que tende, seja em que sentido for, separá-la dos que estão abaixo, bem como dos que se acham acima. A **Alma** aprende — e essa é uma das lições do **Pátio Externo** — que há uma única maneira para que as portas que a separam do **Templo** se abram: demolir as paredes que a separam dos seus semelhantes que estão mais abaixo.

Então, as paredes que separam a **Alma** dos que estão à frente desaparecem, absorvidas, por assim dizer, pela sua ação, porque a porta que tem de ser transposta só se abrirá quando a **Alma** derrubar as paredes de sua própria natureza e estiver desejosa de partilhar com todos tudo aquilo que conseguir.

Assim, ela toma em mãos o eu inferior, para expurgá-lo de tudo quanto seja pessoal. Não deseja destruir, porque o que assimilou como experiência está construído em faculdades e transmutado em poder, e agora ela precisa de todos os

poderes que esteve amalhando. Deseja levar consigo esses poderes, mas levá-los purificados e não poluídos. Deve manter a essência de todas as qualidades, enquanto se afasta de tudo quanto seja pessoal. Deve levar consigo a essência de cada qualidade, porque isso é o resultado de toda a sua subida pela montanha, mas deve levá-la como ouro puro ao altar, e não como impureza mesclada ao ouro.

Tomemos uma ou duas dessas qualidades, a fim de vermos claramente o que significa a purificação, porque se a compreendermos em relação a uma ou duas qualidades, poderemos, então, trabalhá-la para as demais. Tomemos a qualidade situada num estágio mais inferior, e que conhecemos como cólera, ira, como esse tremendo poder que o homem desenvolve, com o qual ele luta em seu caminho através do mundo, com o qual combate, e pelo qual, muitas vezes, domina toda oposição. Essa é a tremenda energia da alma que irrompe da natureza inferior e destrói o caminho do homem através de dificuldades, no estágio inicial do seu crescimento, até que ele tenha aprendido a guiá-la e controlá-la. Essa energia é indisciplinada; e é destrutiva, por ser indisciplinada; uma força tremenda, valiosa porque é força, embora destrutiva em suas ações, como vemos no mundo inferior.

O homem, antes mesmo de penetrar no **Pátio Externo**, já modificou de alguma forma essa energia da **Alma**. Transformou-a em virtude, uma virtude muito real, e por muito tempo manteve essa virtude no mundo externo. Até então ela aparecia com o nome de nobre indignação, de paixão contra a injustiça, de ódio contra tudo que é injusto ou cruel. Esse homem prestou bons serviços no mundo exterior sob muitas formas de energia destrutiva, porque, antes ainda de chegar ao **Pátio Externo**, esteve trabalhando no mundo. Quando via a crueldade com que eram tratados os fracos, sua cólera se insurgia contra isso; quando uma injustiça era perpetrada por um tirano, levantava-se contra ela, indignado. Aprendera, enquanto

praticava essa virtude, a depurá-la de toda impureza. A cólera que sentira no início da sua vida era cólera por si próprio. Irava-se quando sofria uma injúria, reagia no mesmo tom quando alguém o atingia. Mas de há muito dominara a ira simplesmente bruta da sua natureza inferior, a ira que se defende de uma afronta através da energia destrutiva, e retribui o mal com o mal e o ódio com o ódio. Aprendera, até certo ponto, a transformar em si aquela energia colérica, purificando-a muitíssimo em relação ao elemento pessoal, e aprendera a indignar-se menos quando ele próprio era injuriado do que quando uma outra pessoa sofria essa injúria. Dessa forma, usara a cólera superior para dominar a inferior, a paixão mais nobre para aniquilar a paixão animal da sua vida inferior. Lembrem-se de que ele era um homem que de há muito reconhecera que o serviço era um dever, e que uma das formas de serviço era a de exterminar os opressores e afastar os que estivessem infligindo sofrimento.

Porém, na atmosfera mais calma do **Pátio Externo**, iluminada pelos raios da absoluta compaixão, que chegam, cintilantes, do **Santo dos Santos**, não há lugar para qualquer tipo de cólera, embora essa cólera seja depurada de antagonismo pessoal. O aspirante, àquela altura, deve aprender que os que se comportam de modo errôneo também são seus irmãos, e sofrem mais em suas ações injustas do que seus semelhantes pelo mal que eles lhes possam fazer. Deve aprender que aquela nobre indignação que sente, que aquela paixão contra a injustiça não é a característica da **Alma** que se esforça em direção do **Divino**.

A **Vida Divina** ama todos os filhos que envia a este mundo, seja qual for sua posição, seja qual for o grau da sua evolução, por muito inferior que seja. Porque o amor do **Divino**, de onde tudo emana, nada tem fora de si próprio. A **Vida Divina** é o âmago de tudo o que existe, e **Deus** está presente tanto no coração do

malfeitor como no coração do santo. No **Pátio Externo**, o **Divino** deve ser reconhecido, não importando quão espessos sejam os véus que o escondem, pois ali os olhos do **Espírito** abrir-se-ão e não haverá véus entre ele e o **Eu** dos outros homens. Portanto, aquela nobre indignação tem de ser depurada de tudo quanto seja cólera, e transformada numa energia que nada marginaliza do seu âmbito auxiliador, amparando tanto o tirano como o escravo, e encerrando, no mesmo abraço, tanto o opressor como o oprimido. Porque os **Salvadores** dos homens não fazem acepção entre os que **Eles** devem servir — **Seu Serviço** não conhece limitações. Os que são servidores de todos não odeiam ninguém no Universo. O que antes era cólera tornou-se, pela purificação, proteção aos fracos, oposição impessoal aos grandes males, justiça perfeita para todos.

E o que fez com a cólera deve fazer com o amor. O amor começa a manifestar-se na **Alma** sob seu aspecto mais pobre, sob seu aspecto inferior, quando ela começa a progredir. Talvez sob o aspecto que só conhece a procura exterior do outro, e que, em sua auto-satisfação, nem mesmo se preocupa com o que acontece àquela que amou. Quando a **Alma** se faz mais elevada, o amor transforma seu aspecto, faz-se mais nobre, menos egoísta, menos pessoal, até ligar-se aos elementos superiores do bem-amado, em vez de ligar-se ao invólucro externo. O amor, que era sensual, torna-se moralizado e purificado.

Esse amor deve fazer-se ainda mais puro quando o candidato entrar no **Pátio Externo do Templo**. O candidato deve levar consigo o amor que perdeu seu exclusivismo. É o amor que deve manter seu fogo sempre ardendo, mais aquecido, mas esse calor deve espalhar-se cada vez mais amplamente, e estar depurado de tudo quanto se refere à natureza inferior. Isso significa que o amor, dirigindo-se a outros, procurará constantemente saber quanto poderá dar aos outros, e não quanto

poderá receber deles. Esse é o amor que se irá tornando gradualmente **Divino** em sua essência, espalhando-se na medida em que for necessário, mais do que na riqueza da retribuição.

Enquanto a **Alma** se esforça por se purificar, tem de passar por provas que lhe serão aplicadas durante todo o processo que ela está vivendo. Quando trabalha usando sua energia, a fim de realizar algum serviço, leva para esse serviço a espada de **Ithuriel**^{*}, a espada da ausência de personalismo e responde ao seu toque. Quando sua energia se dirige para realizar alguma coisa que a **Alma** reconhece como boa, se, ao testar essa ação e seu motivo para empreendê-la, descobre que o "*Eu*" está sutilmente mesclado com essa energia, que está buscando menos o êxito do trabalho do que o sucesso de quem o faz, se lhe acontece que ao ver esse mesmo trabalho realizado por outro sente certo desapontamento mesclado ao cálice de sua satisfação ao ver realizado o trabalho que pretendia fosse seu, então sabe que o personalismo ainda está presente. Se ele fosse o que deveria ser, a **Alma** só se preocuparia com o êxito do serviço, e não com o ter contribuído pessoalmente para esse êxito. Se perceber que quando há fracasso pessoal ainda sente a nota de desapontamento, algo que por um momento obscurece sua paz e sua serenidade, então a **Alma** compreende que ainda há uma parte de personalismo que precisa ser eliminada. E põe-se ao trabalho de livrar-se daquela fraqueza, e de afastar aquela sombra dos olhos da **Alma**.

Pode ser que ela descubra, ao medir e testar a natureza do seu amor, que ali existem uma certa tibieza, um leve tom de desencanto, sempre que aqueles aos quais serviu com nobreza, e amou grandemente, permanecem indiferentes ao que ela lhes deu, que o fluxo externo do amor esteja inclinado a retrair-se, cessando

* Ithuriel: o anjo que, no Paraíso perdido, de Milton, era encarregado de procurar Satã, que entrara no Paraíso. O anjo estava armado de uma espada, cujo toque mais leve revelava o embusteiro. (N.T.)

seu curso, porque aqueles a quem ama não retribuem com amor. Então, aquela **Alma** — tão severa consigo mesma e tão compassiva para com todas as outras **Almas** — sabe que ainda está trabalhando por alguma coisa para si própria, e não encontra sua mais alta alegria na simples glória de servir. Então, dedica-se novamente ao trabalho para purificar aquela parte de personalismo que ainda permanece ali, até que o amor flua para o exterior, jamais desejando saber se há, ali, uma resposta. Porque a **Alma** sabe que a necessidade de amor é mais premente onde não há resposta ao amor, e sabe que as **Almas** mais necessitadas de receber amor são as que não retribuem, de modo nenhum, ao amor que as auxilia.

Dessa forma, a **Alma** trabalha de maneira deliberada para evoluir. Deliberadamente, trabalha para si mesma, purificando sempre sua natureza inferior com incansável esforço e incessante exigência. Está sempre de olhos fitos naqueles que já atingiram a meta, sem olhar para baixo, para os que ainda estão apenas subindo para o **Pátio Externo**. Não pode repousar nem por um momento, não pode estar jamais satisfeita, enquanto não se vir chegando cada vez mais perto da sua meta, até que exista dentro de si menos oposição para dar passagem à luz que vem dos **Sagrados** que se tornaram **Divinos**.

No **Pátio Externo** as tentações dos homens dirigem-se às suas virtudes, não aos seus vícios. Tentações sutis, que aparecem como anjos de luz, assaltam sua natureza, vêm através do que é elevado, mais nobre neles, que já passaram pelo ponto em que o vício poderia conspurcá-los ou tentá-los. E só através da máscara da virtude é que a ilusão poderia induzi-los, extraviando-os. Por isso é que aquelas **Almas** aprendem a ser tão severas consigo mesmas, por isso é que são tão exigentes no que desejam de si próprias. Sabem muito bem — por suas próprias faltas e pelas dos seus semelhantes — que as virtudes, cuja perfeição é difícil de se

obter no mundo inferior, são facilímas para os que já se encontram no **Pátio Externo**. Elas são, por assim dizer, roubadas pelo inimigo, a fim de que aquelas **Almas** recaiam em tentação. As **Almas** aprendem, assim, que a única segurança consiste em viverem iluminadas pela luz do **Eu Superior**. Por essa razão, compreendem que não devem atrever-se a postar-se ante a **Porta do Templo** até que a **Luz** brilhe, radiante, dentro delas. Por isso, elas se esforçam continuamente por se tornarem inteiramente translúcidas.

Como ousariam expor-se à luz que ofusca olhos impuros pela intensidade de seus raios; que torna cheio de imperfeições o que chamamos virtude; para a qual a beleza terrena é fealdade e vulgaridade? Como ousariam entrar no **Templo**, sob o olhar vigilante do **Mestre**, com a **Alma** nua, em **Sua** presença? Como se atreveriam a permanecer ali, se no coração ainda há nódoa de imperfeição e, olhando dentro desse coração, Ele encontraria máculas que ofendem a pureza do seu olhar?

Destarte, acontece que no **Pátio Externo** as coisas que são dolorosas no mundo exterior se transformam em alegrias, e o sofrimento que purifica é o amigo bem-recebido. O modelo de todos os **logues** — **Aquele** que dizem ser **Ele Próprio** o **Grande logue**, o **Mestre** e **Patrono** de todos — está sempre em terreno ardente, e as chamas cercam sempre **Sua** presença, consumindo tudo o que tocam. Porque no coração daqueles que estão no **Pátio Externo** ainda há lugares ocultos onde a luz não chegou, e a purificação final, pouco antes que eles entrem no Templo, vem das chamas vivas do próprio **Senhor**. Elas queimam tudo que se embosca e se oculta no mais recôndito do coração daquele que vai ser um discípulo, que se entregou ao **Senhor** e nada busca ocultar. Naquele poderoso solo ardente, defronte à porta do **Templo**, jazem as chamas através das quais todos devem passar antes que essa **Porta** se lhes abra.

Além do fogo, e no seu bojo, a figura do **Grande logue** é vista, e é dele que as chamas se estendem, recebendo seu poder purificador da glória de **Seus Pés. É Dele**, do **Grande Guru**, que vem a purificação final ao discípulo. Então, o discípulo entra pela porta que o encerrará para sempre, separando-o de todos os interesses do mundo inferior, menos o de servir; que o separará de todos os desejos humanos, menos o de trabalhar pela redenção da humanidade. Nada permanece ali que consiga atraí-lo, porque ele viu a **Face do Senhor** e, diante dela, todas as luzes se obscurecem.

II. O CONTROLE DO PENSAMENTO

No que se refere de modo especial à mente, o ponto de vista de um homem do mundo, ponderado, bem-equilibrado e virtuoso será diferente do ponto de vista de um **Ocultista**. A diferença virá de acordo com a posição que o pensador assumir sobre o lugar que a mente ocupa em relação ao homem em sua natureza em desenvolvimento. Consideremos um homem bom e justo, nem descuidado nem frívolo, nem mundano, no sentido comum da palavra; sóbrio em seus julgamentos, equilibrado em seus pensamentos. Como veria ele essa questão do auto-controle mental?

Um homem que tenha colocado deliberadamente diante de si um ideal de virtude que se esforça por cumprir, compreenderá aquilo que chamamos natureza inferior, e que representa uma coisa a ser dominada. Quanto a isso não haverá dúvidas. Nosso homem virtuoso dirá que certamente se devem dominar e restringir as paixões e apetites do corpo, as emoções inferiores que impelem as pessoas impetuosas, todo aquele lado da natureza do homem que é manipulado por agentes exteriores, de forma a levá-lo a agir impensadamente. Dar-lhe-á o nome de natureza inferior, e procurará fazê-la obediente à natureza superior. O que entendemos em linguagem comum por pessoa controlada, ou antes, auto-controlada, é o homem que exerce esse domínio mental sobre a natureza inferior, de forma que a mente controle seus desejos.

Mais do que isso: se o olharmos com mais atenção, veremos que possui uma vontade forte — vontade que trabalha ao longo de certas linhas definidas de conduta, e que, mesmo sob circunstâncias muito difíceis, ainda pode guiar a natureza, da qual faz parte, por uma direção clara e definida.

Descobriremos tratar-se de pessoa cuja mente se acha muito desenvolvida, de forma que, quando se decide a agir e decidir sobre uma ação a empreender, ela não se deixa determinar pelas várias atrações que possam influenciá-la do exterior, nem pela resposta da natureza animal a essas atrações. Perceberemos que essa pessoa está sendo induzida por uma gama de experiências gravadas naquilo que se chama memória. Recordações de eventos passados, comparação de resultados provenientes desses fatos. A mente trabalhou sobre todos eles, arranjou-os, por assim dizer, comparou uns com os outros, extraíndo deles um resultado definido através de esforço intelectual e lógico.

Esse resultado permanece como regra de conduta, regra instalada em momento de calma, quando a *natureza de desejo* não está trabalhando ativamente, quando não está rodeada de tentações. Quando o homem se vê sob circunstâncias que dominariam uma vontade fraca, e talvez extrviassem uma pessoa comum, esse homem mais forte, cuja mente é mais desenvolvida, orienta a sua conduta pela regra assim determinada. Ele não admite ser afastado do seu caminho pelas atrações ou pelos impulsos do momento.

Tratando com pessoa assim, com freqüência podemos prever o que ela irá fazer. Conhecemos os princípios sobre os quais sua conduta se baseia, conhecemos as linhas de pensamento que dominam sua mente, e nos sentimos bastante seguros — observando seu caráter, que é definido e solidamente formado — de que, sejam quais forem as tentações exteriores, aquele homem irá cumprir, em momentos de luta, o ideal que concebeu em momentos de calma e reflexão.

É isso o que geralmente queremos dizer quando falamos de um homem auto-controlado. Trata-se de um homem que alcançou esse estágio de desenvolvimento que, observaremos, não é de forma alguma um estágio inferior, no

qual ele se pôs deliberadamente a trabalhar, a fim de dominar, refrear e dirigir essa natureza inferior. Quando ela for mais estimulada à ação por agentes exteriores, a **Alma** terá condições de sustentar-se contra a tentação que pretende assolá-la. Esse homem agirá de maneira nobre, sejam quais forem as tentações.

Há, porém, um outro estágio ao qual esse homem pode chegar, porque pode vir a ter contato com um grande filósofo da vida que lhe explique algo mais sobre os trabalhos da mente. Pode ter contato, por exemplo, com os grandes ensinamentos teosóficos, contidos em livros antigos ou modernos, oriundos da Índia, do Egito, da Grécia, ou da moderna Europa. Nessa filosofia talvez ele adquira uma nova visão do Universo, e isso pode modificar de veras sua própria posição.

Suponhamos que tal homem ingresse na **Sociedade Teosófica** e aceite suas doutrinas fundamentais. Começará a compreender, muito antes de estudar as coisas sob o ponto de vista teosófico, a enorme influência que têm os seus pensamentos. Começará a compreender que quando sua mente está funcionando, ela exerce aquele poder criativo que, provavelmente, é tão familiar para a maioria de vocês — que a mente está criando, de fato, existências ou entidades definidas.

Nessa criativa ação da mente, ela está enviando constantemente ao mundo circundante entidades ativas, que trabalham para o bem ou para o mal, que muitas vezes agem sobre a mente e a vida de pessoas com as quais o criador de tais entidades não tem contato pessoal. Começará por compreender que, para impressionar as mentes alheias, não é necessário de forma alguma exprimir seu pensamento pela palavra oral ou escrita. Tampouco é necessário que seu pensamento se traduza em ações, para que seu exemplo possa tornar-se forte para o bem ou para o mal. Compreende que pode ser uma pessoa completamente obscura no sentido em que o mundo considera a obscuridade, que pode estar bem

longe dos olhos do público, que pode ter influência apenas no pequeno círculo de seus amigos e parentes que estão em contato pessoal com ela. Verá, contudo, que tem um poder que transcende tanto a força do exemplo como a força da palavra ou da linguagem. A sós, isolada dos homens, no que se refere ao mundo físico, pode estar purificando ou maculando o progresso do mundo, elevando um pouco as mentes de sua geração, contribuindo, ajudando, ou prejudicando a evolução do mundo, erguendo sua raça um pouco para o plano superior, ou deprimindo-a. Essas energias sutis do pensamento agem tanto mais fortemente pelo fato de serem invisíveis, e exercem influência mais ampla exatamente por serem tão sutis e não reconhecíveis pelas massas sobre as quais provocam efeito.

À proporção que esse homem cresce em conhecimento, seu pensamento assumirá novo aspecto, e ele compreenderá que sua responsabilidade se estende para muito mais longe do que lhe é possível ver. Muitas vezes é responsável, de forma bastante real, pelos crimes que ocorrem na sociedade em que vive, bem como pelos atos de heroísmo. Captará a verdade daquele grande princípio que diz que nem sempre o autor de uma ação é o exclusivo responsável por ela e pelos seus efeitos. Toda ação que chega a se manifestar é uma verdadeira encarnação de idéias. Todos os que tomam parte na geração de idéias tomam parte na responsabilidade pelas ações delas decorrentes.

Compreendendo isso e adotando o ponto de vista mais amplo, começará a entender que deve controlar seus pensamentos, escolher o tipo de pensamento que sua mente engendra. Isso extrapola em muito o ponto de vista assumido pelo nosso homem do mundo.

Ele também descobre, ao estudar um pouco mais, que o tipo de pensamento que atrai para si mesmo, vindo do mundo exterior, será grandemente

determinado pela natureza dos pensamentos gerados por ele próprio. Sente que não é apenas um ímã que emite ondas de pensamento sobre seu campo magnético, mas também atrai para si próprio as substâncias que respondem à força magnética que envia. Esteja sua mente repleta de bons ou maus pensamentos, isso dependerá amplamente das linhas através das quais sua própria força mental é exercida. Começará a entender que, gerando um bom pensamento, não só está cumprindo um dever supremo para com seus semelhantes, mas que — tal como sempre acontece quando um homem está em harmonia com a **Lei Divina** — ele próprio está lucrando com aquilo que dá. Sua própria mente será auxiliada e fortalecida por esses pensamentos que dela fluem para fora, atraídos, por assim dizer, pela afinidade magnética. Reconhece, também, com dor e vergonha, que ao enviar para o mundo um mau pensamento deixou que se formasse em sua mente um centro similar, que atrairá os pensamentos mais baixos da atmosfera, e assim aumentará sua tendência para o mal.

Quando chegar a compreender essa fraternidade mental que liga todos os homens, sua atitude em relação à mente se modificará. Sentirá essa responsabilidade de enviar para o exterior e dele receber. Compreenderá esses vínculos que confluem para ele de todas as direções. Em sua vida cotidiana começará a tratar mais com o pensamento do que com a ação, compreendendo que na região do invisível são geradas todas as forças que descem para a vida psíquica e física.

Há, porém, um passo à frente quando ele entra no **Pátio Externo**. Agora, ele é um candidato a entrar no **Caminho** mais íngreme e mais curto que leva para cima; agora, ele entrou no estágio probatório daquele próprio **Caminho**. Então, algo mais virá ter com ele além desse reconhecimento pertencente ao homem que

principia a entender alguma coisa sobre a natureza da vida que o rodeia. É esse novo conhecimento que o leva à porta e que a abre parcialmente para ele.

Assim como um homem, no decorrer do seu desenvolvimento, reconhece a superioridade da mente sobre os desejos, assim também compreende que aquela mente, na aparência tão grande, aquela mente que parecia tão poderosa, que ainda há pouco tempo dava-lhe a impressão de ter o governo do mundo, que aquela mente — da qual foi dito por um pensador, que "*nada há maior no Universo do que o homem e nada maior do que o homem a não ser a mente*" — estava sendo vista de um ponto baixo, com olhos vendados. Quando essa visão começa a clarear, vê-se que existe algo maior no Universo, algo maior do que a mente, algo mais sublime, mais vasto, algo que fulgura apenas por um momento, e então torna a ficar velado. O homem captou um relance do Sol. Para ele, um raio de luz desceu para a sua mente, vindo de algo que está acima, e ainda assim pareceu-lhe sentir, obscuramente, com um estranho senso, que se trata da própria mente, que é idêntica a ele. De início haverá confusão, um tatear nas trevas, entre aquilo que parece ser ele próprio, que ele mesmo pensara tratar-se da mente, embora dando a impressão de ser tão maior do que ela. De início, ele não sabe de onde vem aquele clarão, nem se a esperança que esse clarão fez nele nascer é um sonho e nada mais.

Antes, porém, que possa abordar os fatos com bastante clareza, deve tentar ver o que entende pelas palavras "*Mente*" e "*Alma*", e o que quer dizer quando fala de "*Consciência*", porque essas palavras não devem ser compreendidas como fichas com as quais se joga, mas como moedas verdadeiras que representam algo da riqueza mental que temos, algo de idéias. Eu defino a **Alma** como aquilo que individualiza o **Espírito Universal**, que focaliza a **Luz Universal** em um ponto

isolado, que é, por assim dizer, um receptáculo no qual o **Espírito** é derramado. Aquilo que em si é universal, posto naquele receptáculo, aparece como separado, sempre idêntico em sua essência, mas separado agora em sua manifestação. A finalidade dessa separação é fazer com que um indivíduo se desenvolva e cresça; que a Alma tenha uma potente vida individualizada, em todos os planos do **Universo**; que possa ter conhecimento tanto no plano físico como no psíquico, tal como tem no plano espiritual, e que sua consciência não sofra ruptura de qualquer espécie; que possa obter para si própria os veículos de que necessita, a fim de adquirir consciência além do seu próprio plano. A alma, então, pode purificar gradualmente esses veículos, um por um, até que eles não mais atuem cegamente, ou como empecilhos, mas como intermediários puros e translúcidos, através dos quais todo o conhecimento pode vir, em todos os planos.

Utilizando, entretanto, a palavra ou a imagem “*receptáculo*”, talvez eu os tenha induzido em erro. Temos aqui a dificuldade habitual quanto a todas as expressões apropriadas para o pensamento intelectual: a de que uma imagem é aplicável em certo ponto, e já em outro faz-se enganadora. Porque esse processo de individualização não é, de forma alguma, a fabricação de um receptáculo e o derramar dentro dele algo que toma contorno definido, de acordo com o feitio do vaso que o recebeu. O que acontece aproxima-se mais da maneira como se forma qualquer grande sistema solar, por exemplo.

Se fizerem sua imaginação regredir no tempo, poderão imaginar um espaço no qual nada é visível. Poderão, então, imaginar que aquele espaço — onde parece haver o vácuo, mas onde, em realidade, há *repleção*, apenas *repleção* invisível aos olhos — tem uma névoa tênue, tão delicada que quase não se pode chamar assim. Então, enquanto observamos, a névoa faz-se cada vez mais densa

com o decorrer do tempo, agregando-se cada vez mais, e tornando-se mais destacada no espaço que a rodeia. Aquilo que parecia ser a mais esmaecida das sombras começa a tomar feitiço, fazendo-se cada vez mais definido à proporção que o processo continua. Se estivéssemos observando essa construção dos mundos, veríamos a névoa tornando-se cada vez mais densa, separando-se definitivamente no espaço, até que um sistema viria a ser formado, com um sol central e planetas em volta. Assim, parece, é a chegada do Espírito à individualização. É como que a vaga aparência de uma sombra no vácuo universal, sendo esse vácuo, entretanto, o mais repleto entre os repletos. Essa sombra faz-se névoa, e então vai tomando forma sempre mais clara, fazendo-se cada vez mais definida, enquanto a evolução continua, até que haja um indivíduo, a **Alma**. Tal é o processo esquematizado dessa formação da consciência individual.

De início, aquela Alma não é algo completo, mergulhando, como um escafandrista, no oceano da matéria. Ela vai sendo lentamente construída, ou densificada, se ainda posso usar tal imagem, até que do Universal venha o individual, sempre crescendo, conforme a evolução continua. A **Alma** permanece, como sabemos, de rida para vida, através de infindáveis anos, através de infindáveis séculos. É o indivíduo em crescimento, e sua consciência é a consciência de tudo o que ficou para trás no processo do seu crescimento. Seu passado historiado está sempre presente na sua consciência que cresceu tão largamente durante a jornada que ela fez ao longo do caminho percorrido.

A cada novo nascimento e a cada experiência nova que deve ser acumulada, essa **Alma** projeta uma parte de si mesma nos próprios novos invólucros, para reunir nova experiência. Essa parte flutua exteriormente, nos planos

inferiores, para que ali possa aumentar o conhecimento através do qual a Alma crescerá ainda mais, tornando-se maior.

Essa parte é a **Mente** no homem — a parte da **Alma** que está trabalhando no cérebro, confinada no cérebro, penosamente agrilhoadada a ele sob o peso da carne, literalmente falando. Sua consciência faz-se mais enevoada, porque não pode transpor aquele véu de matéria mais espessa. Toda a grandeza que conhecemos como **Mente** é apenas a parte lutadora da **Alma**, que trabalha naquele cérebro com o propósito de obter o crescimento dela. Trabalhando, mostra os poderes da **Alma** porque é a própria **Alma**, embora envolvida nessa limitação da matéria. Aquilo que a **Alma** pode manifestar através do cérebro é a mente da pessoa que conhecemos. Às vezes manifestará muito, às vezes pouco, segundo o estágio de evolução alcançado. O homem que está no **Pátio Externo** compreende que aquela Alma é ele próprio, sendo a mente uma manifestação passageira. Tal como o corpo e a *natureza de desejo* devem estar sujeitos à mente, que é a parte aprisionada da **Alma**, também a própria **Alma** deve estar sujeita à grande **Alma**, da qual ela é apenas a representante projetada no momento. Ela não passa de um instrumento, de um órgão da **Alma**, manifestado no interesse do trabalho que realiza.

A mente aprende. Quando essa mente entra em contato com o mundo exterior, ela reúne fatos, arranja-os, faz a tabulação deles, julga-os, e leva a cabo todo o resto do seu processamento intelectual. O resultado dessa atividade passa para cima — ou antes, para dentro — durante essa expansão da **Alma** na própria **Alma**. É isso que a **Alma** leva consigo para o **Devachan**, e ali trabalha sobre o que levou, para transformá-lo em sabedoria. Porque a sabedoria é muito diferente do aprendizado. O aprendizado é toda aquela gama de fatos e de julgamentos desses

fatos, com as conclusões daí extraídas; a sabedoria é a essência haurida do todo, daquilo que a **Alma** reuniu em todas as suas experiências.

Então, o candidato começa a compreender por que se diz que desde o princípio ele deve distinguir entre o "*Eu*" que suporta e essa mente que é apenas manifestação passageira do "*Eu*". A **Mente** é a manifestação da **Alma** no mundo da matéria.

Tendo assim encontrado seu caminho para o **Pátio Externo**, o discípulo envia ao **Mestre** seu primeiro apelo por ensinamento:

*"Ó Mestre, que devo fazer para alcançar sabedoria?
Ó Sábio, que fazer para atingir a perfeição?"* Palavras que no início parecem estranhas vêm dos lábios do Sábio: *"Procura os Caminhos. Mas, ó Discípulo, que teu coração esteja limpo antes que empreendas a jornada. Antes de dar o primeiro passo, aprende a discernir entre o real e o falso, entre o transitório e o eterno*."*

Então, o **Mestre** continua, explicando a diferença entre o aprendizado e a sabedoria — o que é a ignorância, o que é o conhecimento e o que é a sabedoria que sucede a ambos. A distinção é apresentada à mente — a mente que é "*como um espelho: junta pó enquanto reflete*"; a mente que precisa da "*brisa da sabedoria da Alma para varrer a poeira das nossas ilusões*". O candidato reflete sobre essas palavras.

* H. P. Blavatsky, *The Voice of the Silence* (originalmente publicado pela Theosophical Publishing House, Quest Miniatures, 1980), p. 36. Em português, *A voz do silêncio*, Ed. Pensamento, São Paulo.

Qual é a diferença entre o real e o transitório, e por que isso está relacionado com a manifestação da mente? Que diferença é essa entre o espelho que reflete e a **Alma** que precisa espanar o espelho se quiser livrar-se da ilusão? Qual é a parte que deve ser tomada por essa mente, que parece uma função tão poderosa que chega a representar o próprio homem no mundo inferior? Qual é a sua função, afinal, se o primeiro passo para o **Caminho** é distinguir entre o ilusório e o real, e a mente, de certa maneira sutil, está relacionada com a produção da ilusão?

Há outras palavras que ele também recorda terem vindo dos lábios desses **Mestres da Sabedoria**. Lembra-se do **Rajá** dos sentidos, governante e rei da natureza inferior, que não é amigo do discípulo. Lembra-se que lhe ordenaram procurar o **Rajá** dos sentidos para que pudesse compreendê-lo, porque ele é o "**Produtor de Pensamentos, o que desperta ilusão**". E dizem ao discípulo:

*"Essa mente é a grande exterminadora do Real. Que o discípulo destrua a exterminadora *."*

Aqui, então, parece que estamos na pista de algum pensamento que iluminará o candidato. Que o **Rajá**, ou **Rei dos Sentidos**, é o produtor dos pensamentos e aquele que produz pensamentos é quem desperta a ilusão, é quem aniquila a Realidade. Porque no **Mundo Espiritual há Realidade**. À proporção que o processo de diferenciação caminha, a ilusão é produzida e é essa mente, essa mente em crescimento, que produz a ilusão. Essa mente é que tem incomensuráveis imagens e desenhos, que tem a faculdade de elaborar imagens à qual nos referimos como "*imaginação*", e a faculdade de raciocínio que ergue castelos sobre a fantasia

* *The Voice of the Silence*, p. 17.

que criou. Isso é o que realmente cria a ilusão, isso é o que destrói a **Realidade**, no que se refere ao discípulo, e o primeiro trabalho deste é exterminar a destruidora. A menos que ele consiga libertar-se desse ilusório poder da mente, jamais poderá penetrar no **Pátio Externo**.

Então, ouvindo ainda o **Mestre**, ele escuta também uma voz que lhe ordena mesclar sua **Mente** e sua alma*. Seu trabalho consistirá em proceder a alguma transformação nessa mente inferior, transformação esta que a ponha em condições de mesclar-se à superior, alguma destruição do seu poder ilusório que a capacite a conhecer o ente superior que a engendrou, para que o **Pai** e o **Filho** se identifiquem em um só.

Então, o discípulo ouve um ensinamento que em linguagem mística diz-lhe que deve destruir o corpo lunar, que deve limpar o corpo da mente**. Esforçando-se por acompanhar o que significa aquilo, aprende, através da alegoria e do símbolo, que o chamado corpo lunar pertence ao **Karma ou Desejo**, conhecido como o homem astral. "*Purifica teu corpo mental*" — diz-lhe o **Mestre**, porque só limpando-o da poeira da ilusão será possível a esse corpo entrar novamente em si mesmo, para mesclar-se com a sua **Alma**.

A essa altura ele começa a compreender o trabalho que tem diante de si no **Pátio Externo**, no que se refere à sua **Mente**. Ao invés de a **Mente** ser a senhora, deve ser uma escrava obediente, instrumento na mão de quem a tem, serva daquele que a envia para a frente. A natureza da sua tarefa desdobra-se diante dele, e o discípulo começa a treinar a mente.

De início terá de começar com assuntos muito simples. Descobrirá que aquela mente está sempre passando de uma coisa para outra, que é difícil de

* Ibid., pp. 36-37.

** *The Voice of the Silence*, p. 25.

controlar, difícil de ser dominada, tal como Arjuna, do **Bhagavad-Gita**, descobriu, há cinco mil anos. Começará por treiná-la como se treina um cavalo que está sendo domado, a fim de que possa cavalgar definitivamente pela estrada escolhida, sem pular cercas e valas, sem correr pelo campo em todas as direções, para que caminhe pela estrada que o cavaleiro deseja percorrer. Esse nosso candidato deve realizar tudo isso em sua vida no mundo e, assim, aos poucos, treina a mente para pensar de modo consecutivo e definido. Não permitirá que o desviem do caminho as múltiplas tentações que o rodeiam. Recusar-se-á a dispersar pensamentos, insistirá em seguir o caminho estabelecido. Recusará receber de maneira fragmentária todo o seu conhecimento, como se não tivesse capacidade para seguir um argumento prolongado. Irá ler por opção, e por um motivo premeditado — porque é aqui que o espírito do candidato será treinado —, sustentando argumentos, longas linhas de argumentos que treinam a mente para caminhar numa direção definida durante um período considerável. Não permitirá que ela salte de uma coisa para outra, rapidamente, intensificando, assim, a agitação, que é um obstáculo em seu caminho, a ponto de bloqueá-lo inteiramente, enquanto não for dominado.

Assim, dia a dia, mês a mês, ano a ano, ele se ocupará de sua mente, treinando-a nesse hábito de pensamento consecutivo, e aprenderá a escolher aquilo em que quer pensar. Já não mais permitirá ser tiranizado e subjugado por um pensamento. Será o senhor em sua própria casa.

Poderá ter transtornos em sua vida cotidiana, mas isso não importa, porque esses transtornos ajudarão o treinamento da sua mente. Quando a pressão deles foi muito forte, quando se sentir inclinado a lançar os olhos para o porvir, preocupando-se com os futuros transtornos, dirá: "*Não, essa ansiedade não permanecerá em minha mente. Nada ficará ali se não for por escolha minha e por*

meu convite." Há pessoas que passam a noite acordadas, cheias de pensamentos ansiosos, quase se matando, não pelos transtornos em si, mas pelas preocupações que esses transtornos causam à mente. Toda essa espécie de coisa deve ter um fim por iniciativa do candidato.

Esse será um treinamento definitivo, longo e difícil, porque os pensamentos surgem, e ele tem de expulsá-los. Muitas e muitas vezes terá de repetir isso. Não há outra maneira senão voltar-se para tais pensamentos todas as vezes que eles surgirem, e, deliberadamente, recusar-lhes abrigo.

Enquanto o candidato não se fortificar bastante para fechar, para trancar as portas da sua mente, permanecendo ali impassível, não poderá substituir um pensamento por outro, sempre por algum pensamento elevado que trate como permanente, em lugar daquele do qual quer se livrar, e que se trata do transitório. Isso servirá ao duplo propósito de livrar-se do pensamento transitório e habituar-se a repousar no eterno, atingindo aquele senso de proporção, aquele senso de que o presente está passando, portanto não vale a pena perturbar-se a propósito dele. Ao lado do permanente, ele fortalecerá esse apoiar-se da mente no eterno, que é o segredo de toda a paz neste mundo e em qualquer outro.

Treinando sua mente dessa maneira, e obtendo, aos poucos, poder sobre ela, o aspirante pode fazê-la pensar nas coisas que escolher, e evitar os pensamentos indesejáveis. Dará um passo avante, mais difícil do que qualquer outro. Irá retirar-se da própria mente e pensar sem ela — não por tornar-se inconsciente, mas porque está buscando uma consciência mais profunda; não porque a vida, nele, seja monótona ou se está fazendo letárgica, mas porque tornou-se tão vivida que o cérebro já não pode contê-la.

Com esse crescimento da vida interior, com o aumento da energia vital que flui para a **Alma**, ele descobrirá, lentamente, que é possível alcançar um estágio em que o "*pensamento*" já não será pensamento da mente, mas a consciência da Alma. Bem antes disso, descobrirá essa consciência e irá compreendê-la intacta, por assim dizer, e passará pelos estágios de vaguidade, de inabilidade, de vazio — um dos estágios mais penosos, talvez, na vida do nosso candidato ao **Pátio Externo**.

Então, ele começará a compreender, vagamente, a significação subjacente às palavras do **Mestre**: "*Reprime teu eu inferior com teu eu Divino, e com o Eterno reprime o Divino*".* O **Eu Divino** é essa **Alma** que deve reprimir a mente inferior. Não obstante, para além da **Alma**, está o **Eterno**, e, em algum ponto do futuro que está dentro do **Templo**, esse **Eterno** vai reprimir o **Divino** nele, como o **Divino** reprime seu eu inferior.

Aos poucos, lentamente, ele aprende que deve ser o senhor de tudo que está em torno, e com o que a mente está relacionada de toda maneira. Chegará a um dos estágios, nesse **Pátio Externo**, onde as tentações sutis afluirão em redor, tentações que não tocam na natureza inferior, mas ousam levantar-se contra a superior, e se esforçam por usar a mente do aspirante para destruí-lo, tendo falhado no uso da *natureza de desejo*, ou nas mais grosseiras tentações do corpo. Então, sobrevêm aquelas tentações sutis que lançam o homem interior em uma armadilha, quando ele está subindo ao longo do difícil caminho; tentações do pensamento mundano aglomerando-se em redor dele, por todos os lados.

Ele deve, então, ter obtido elevado controle sobre as imagens mentais que ele próprio criou quando ainda não era capaz de se manter inabalável, sereno, tranqüilo, entre todas aquelas hostes de pensamentos galopantes. Agora, tais

* *The Voice of the Silence*, p. 48.

pensamentos vêm ter com ele, vitalizados e reforçados, não mais pela mente fraca do homem do mundo inferior, mas com o tremendo impulso que tem algo da natureza das forças do plano espiritual. Eles vêm do lado escuro, não do lado branco, vêm daqueles que de bom grado matariam a **Alma**, e não daqueles que desejariam ajudá-la. Atiram-se sobre ele com a energia nascida das poderosas forças do mal. Se ele não treinou a si mesmo para ser o senhor dentro dos limites da mente, contra os mesquinhos ataques que lhe vêm ao encontro, oriundos do mundo exterior, como poderá manter-se contra as hostes de **Mara**, a perversa? Como pode atravessar aquele quarto estágio no **Pátio Externo**, em torno do qual esses inimigos da **Alma** estão se agrupando, estágio que recusa dar passagem a todo aquele que não esteja absolutamente em paz?

Então, surge aquela força que nasce da fixidez da mente, da mente que agora se fez tão forte que se pode fixar no que quiser e ali manter-se inabalável, seja qual for o turbilhão que possa existir em torno. Essa fixidez é tão grande, tão firme, que nada do que seja externo pode agitá-la, tão forte que já não precisa esforçar-se, porque ultrapassou o estágio onde tal esforço é necessário. Quanto mais forte a **Alma**, menor é o esforço em seu trabalho, mais dominante o seu poder, e menos sente os assaltos provenientes do exterior.

Isso ocorre quando aquele estágio da mente é alcançado, quando, ao invés de serem mortos, os pensamentos fenecem por si mesmos, quando alcançam o sacrário. A mente já não precisa matar, já não precisa ser morta.

Fez-se limpa, obediente, pura. Esse é o resultado do início da mescla da **Mente e da Alma**. Não há mais necessidade de lutar, porque tudo quanto exigia luta cai morto pelo recuo surgido do seu próprio golpe. Essa fixidez da mente é descrita como lâmpada colocada em local firme, onde vento algum pode bruxulear a sua

chama. Ela está em um lugar de repouso, onde a vontade começa a ser compreendida, onde reina paz absoluta, lugar que fica à sombra das paredes do **Templo**.

Lê-se, em antiga **Escritura**, que quando um homem se liberta do desejo, quando se liberta da mágoa, é, então, na tranqüilidade dos sentidos que ele contempla a majestade da **Alma***. Na verdade, ele vê, pela primeira vez, não mais através de relances furtivos, pelo raio que vai e vem, mas nessa paz absoluta onde não há desejo nem inquietação pela mágoa. Ali, a majestade da **Alma** brilha por inteiro, e a mente a reflete tal como ela realmente é. Porque essa mente, que antes era um espelho coberto de pó, um lago encapelado pelos ventos que sopravam de todos os lados, tornou-se um espelho polido que tudo reflete com perfeição. Tornou-se um lago que reproduz o que o céu e as montanhas lhe mostram, restituindo as árvores às árvores, as estrelas às estrelas, conferindo aos céus uma imagem perfeita das mutações de cores.

Antes disso, todavia, há um momento de perigo, a que a voz da advertência se referiu. Há um momento em que o ponto está quase alcançado, quando a chama da lâmpada já não bruxuleia, quando a mente e a **Alma** reúnem-se por um momento, no último embate. Então, a mente torna-se um elefante enraivecido na selva. É o esforço final do inferior para sobrepujar o superior, sentindo os grilhões que estão sobre ele — esse levante da natureza inferior da qual todos os livros de iniciação falam. Porque afirma-se que quando o candidato se aproxima da porta, um pouco antes de passar para o templo, todos os poderes da **Natureza** se erguem contra ele, a fim de arrastá-lo para baixo; todo o poder que está no mundo insurge-se contra ele. É a última liça a ser sustentada, através da qual

* *Kathopanishad*, ii, 20.

chega-se à conquista plena. Nos planos superiores ainda há uma luta da qual esta é o reflexo; em planos tão elevados que nem mesmo podemos fazer idéia a seu respeito, e rumo aos quais o maior dos grandes encontrou seu caminho. Isso está simbolizado na última luta de **Buda** sob a **Árvore Sagrada**, onde lhe sobreveio a última iluminação que o tornou **Buda**. Todas as hostes reuniram-se à sua volta para essa última luta, a fim de ver se sua passagem podia ser bloqueada. Embora sobre planos infinitamente inferiores ocorra essa luta crucial na vida do discípulo que agora se aproxima do **Templo**.

Como ele vencerá essa luta? Como ele irá, nesse caminho probatório, pisar as pegadas dos precursores?

Das palavras do **Mestre** vem o auxílio, dos **Seus** lábios, a sugestão que nos guiará: "*É preciso*" — ouvimos no silêncio — "*encaminhar essa luta para a Alma Diamante*.*"

O que é a **Alma Diamante**? É a **Alma** que está acima de todas as outras, a que realizou uma união com o verdadeiro Eu, sem mácula ou falha em qualquer parte, translúcida — como o Diamante é translúcido — à Luz do **LOGOS** que ela focaliza para os homens, através da qual a própria luz do **LOGOS** fulgura sobre os homens, tão puro é o **Diamante**. É a **Alma** que procuramos ver nos momentos da nossa mais elevada aspiração.

Para subirmos em direção a ela, precisamos ter apenas um vislumbre da sua beleza, um toque do seu fogo. Porque a **Alma** cresce para cima, como a flor cresce voltada para a luz, e as forças que a atraem para o alto são as forças radiantes, nascidas dos fulgores oriundos da **Alma Diamante**, que se derramam

* *The Voice of the Silence*, p. 37.

sobre o que ela própria é, embora tão fraca e hesitante, e que a levam a subir com vigor **Divino**, a fim de que se una consigo mesma.

Quando o discípulo começa a entender, cresce nele a idéia do que significa o que se chama **Alma Diamante**, e compreende que nele próprio também aquela **Alma Diamante** deve ser reencarnada — "*Olha para o interior! Tu és Buda!*" — que aquela mente, como seu corpo, não é senão um instrumento para esse serviço.

É quando, pela devoção, essas cordas da mente são afinadas, altamente submetidas à **Alma**. A **Alma** as torna afinadas pelo poder da devoção, e por isso sua mente faz-se um instrumento musical, preparado para o toque do **Mestre**, e daí todas as melodias do céu e da terra podem soar. Por fim, o discípulo coloca-se diante da porta, e compreende que ele próprio encontrou **Ele Próprio**. A **Alma**, que é **Ele Próprio**, está voltada para cima, para **UM** ainda maior, com o qual ela se irá mesclar. Essa união vindoura tem lugar apenas no interior do **Templo**. Colocando-se diante da porta, ele apenas uniu o **Ele Próprio** eterno ao seu eu perecível — **Ele Próprio, Alma**, ao ele próprio que é a sua mente.

Então, começa a veneração que significa a identificação com o **Mais Alto**. O candidato aprende que em sua vida cotidiana a **Alma** pode estar sempre venerando, faça a mente o que fizer, ocupe-se o corpo no que se ocupar. Compreende, finalmente, que a vida do discípulo é, absolutamente, veneração ininterrupta do **Mais Alto**, na incessante contemplação da **Alma Diamante**. Enquanto a **Alma** está assim ocupada, no **Pátio do Templo**, o corpo e a mente estarão trabalhando pela humanidade que precisa deles, no **Pátio Externo**, e além dele, no mundo. O corpo e a mente são instrumentos em quanto o homem está vivo; são seus mensageiros e seus trabalhadores, enquanto ele próprio está em

verenação. E então ele compreende a significação de "*no céu . . . Anjos contemplam a face do Pai*"*, porque a visão da **Alma-Pai** é uma visão ininterrupta. Nuvem alguma da terra pode obscurecê-la, nenhum trabalho da terra pode desfigurá-la. A **Alma** está sempre em contemplação, enquanto a mente e o corpo estão trabalhando. Quando isso é alcançado, o limiar está sendo transposto, e, do **Pátio Externo**, a **Alma** está entrando para o **Templo do seu Senhor**.

* *Mateus*, 18:10.

III. A FORMAÇÃO DO CARÁTER

Delineando as qualificações do candidato que chega ao **Pátio Externo**, parto da premissa de que há um auto-treinamento deliberado na direção do objetivo determinadamente reconhecido, embora aquelas qualificações não precisem ser alcançadas no seu todo. Ele está começando, por assim dizer, a formação do seu caráter. Compreende, até certo ponto, o que deve ser, esforça-se, com maior ou menor sucesso, por se tornar aquilo a que aspira chegar. Não que a purificação definitiva, o completo domínio do pensamento, ou a perfeita formação do caráter, ou, mesmo, a inteira transmutação do inferior para o superior, tudo isso deva ser realizado. Na verdade, ele está ocupado em atrair os fundamentos de suas construções, em esboçar, cuidadosamente e de forma razoável, os contornos daquele edifício que espera levar à perfeição. A tarefa, em todas essas frentes — a construção desses fundamentos, o levantamento de paredes cada vez mais altas, a colocação da pedra final que irá coroar a obra — é realizada dentro do Templo, depois que os olhos se abriam e não enquanto eles estiverem parcialmente vendados, estando o aspirante ainda no **Pátio Externo**. Ainda assim, por muito elevadas que pareçam ser essas aspirações, por muita magnificência que os contornos preenchidos pareçam ter, eles têm de ser definitivamente admitidos como verdadeiros no **Pátio Externo**. Por muito baixas que sejam as realizações do

presente, nem por isso elas deixam de ser os fundamentos definidos, sobre os quais as gloriosas realizações do futuro terão de se basear.

No **Pátio Externo** não é preciso sentir desânimo ou desesperança, porque, enquanto os esboços estão sendo traçados, eles podem ser considerados apenas enquanto tais. Transposto o limiar, há ainda muitas vidas nas quais esses esboços podem ser levados à execução, e esses planos do arquiteto servem de base para o edifício concluído.

A formação do caráter tem de ser clara e positiva, pois o candidato o colocará diante de si. Já vimos que ele precisará ter sido, em vidas passadas, um homem virtuoso e religioso, e que quaisquer tendências que ainda existam ali devem ser inteiramente extirpadas. Embora ainda possa haver falhas na consecução de certo aperfeiçoamento, não haverá, em definitivo, satisfação em permanecer no erro. Todas as partes grosseiras da natureza já devem ter sido eliminadas, todas as partes rudes da luta íntima estarão destruídas. Pedras muito brutas mas não podem ser levadas ao **Pátio Externo do Templo** para a construção. O desbaste deve ter sido feito durante muitas vidas anteriores, antes que elas estejam em condições de servir à construção, mesmo no **Pátio Externo de um Templo** assim.

Aqui, estamos tratando da formação de virtudes positivas, de virtudes de um tipo inexcelsivelmente alto e nobre — virtudes que não são apenas aquelas que o mundo considera necessárias, mas as que o aspirante deseja obter, a fim de chegar a ser um dos **Auxiliares** e **Salvadores** do mundo.

Talvez a primeira coisa a nos chamar a atenção na formação do caráter de alguém que esteja no **Pátio Externo** seja a sua natureza extremamente deliberada. Não é coisa de caprichos e ímpetos, formação feita sob displicência e descaso. Não se trata de um ir e vir à procura de algum propósito: esse propósito

está identificado, e o objetivo é conhecido. Essa formação é deliberada, feita por alguém que sabe que tem tempo, e que nada na **Natureza** pode ser perdido. Ele começa com o material que tem em mãos, com o caráter tal como é reconhecido como existente. Averigua, tranqüilamente, todas as suas forças e todas as suas fraquezas, e põe-se ao trabalho de aumentar umas e remediar outras — esculpindo, em material permanente, uma estátua que já tenha sido modelada em seus contornos gerais.

O homem sabe que levará consigo tudo quanto fez, que de vida para vida levará os tesouros que tiver acumulado, que, se encontrar uma deficiência e só parcialmente puder repará-la, ainda assim ela se conservará reparada até aquele ponto, até aquela parte do trabalho feito. Se adquiriu para si um poder, esse poder é seu para sempre, uma parte da Alma que jamais será retirada, que está tecida na textura da individualidade, para nunca mais tornar a separar-se dela.

O candidato trabalha com esse propósito deliberado que tem suas raízes no conhecimento, identificando a **Lei** subjacente em todos os aspectos da **Natureza**. Por compreender que a **Lei** é imutável, por saber que pode confiar nela com a máxima e mais completa fé, apela para a Lei e sabe que ela responderá. Tudo o que distribui trará, inevitavelmente, a sua colheita. Semeia cada semente com a absoluta certeza de que ela produzirá frutos da sua espécie; esse fruto, e nenhum outro, será sua recompensa em tempos futuros. Assim, não há pressa alguma em seu trabalho, nenhuma impaciência em seu labor. Se o fruto não está maduro, ele pode esperar para colhê-lo; se a semente não está pronta, pode esperar que ela cresça. Sabe que a **Lei**, à qual se entregou, é, ao mesmo tempo, imutável e boa, que a **Lei** tudo lhe trará no tempo apazado para ele e para o mundo.

Assim, começa com o material disponível, contentando-se com ele porque é o que a **Lei** lhe traz do seu passado. Farto ou escasso, pobre e pequeno, ou rico e grande, começa a trabalhar com ele, sabendo que por muito escasso que se apresente, não há limite para a vastidão que esse material pode alcançar durante os anos que ele tem pela frente. O aspirante sabe que ele deve ter êxito, e isso não é uma questão de probabilidade, mas de certeza, não de sorte, mas de decisiva realidade. A lei deve devolver-lhe o equivalente àquilo que ele dá e, mesmo que ele dê pouco, esse pouco lhe será ressarcido, e com isso poderá construir seu futuro, acrescentando sempre alguma coisa ao seu acervo, tornando-se um pouco maior a cada nova realização.

Sabemos que ele começará com o domínio do pensamento, selecionando, positivamente, o pensamento correto para a formação do seu caráter. Na seleção dos pensamentos, sejam os que ele próprio gera, sejam os que ele permite cheguem à sua mente, seu primeiro motivo será o efeito que esses pensamentos terão sobre os outros, não o efeito que terão sobre ele próprio. Acima e além de qualquer outra coisa, ele está se qualificando para servir; portanto, ao selecionar pensamentos, avalia o efeito que eles possam provocar sobre o mundo exterior — até onde eles irão ajudar, até onde eles irão fortalecer, até onde eles irão purificar. Com a grande afluência de pensamentos que — ele o sabe — devem brotar do seu conhecimento, enviará pensamentos com o deliberado propósito de auxiliar o mundo.

A seguir, refletirá sobre a índole dos seus pensamentos e no que eles o afetam pessoalmente, na medida em que reagem sobre ele para formar-lhe o caráter, porque ali está, realmente, o instrumento com o qual seu caráter será edificado. Agindo como um foco para pensamentos nobres e altruístas — não mais

para pensamentos que são ativamente nefastos —, fará de sua consciência, de maneira deliberada, um ímã para tudo o que é útil. Os bons pensamentos de outrem, convergindo para ele, podem partir com novo impulso de vida. Ele pode ser não só uma fonte de auxílio pelos pensamentos que gera, mas um canal desse auxílio pelos pensamentos que recebe, vivifica e transmite.

Isso contribuirá para a formação do caráter, de modo que no início dessa formação tal maneira de pensar constituirá a influência predominante em sua mente. Ele estará constantemente policiando seus pensamentos, examinando-os com o mais zeloso cuidado, a fim de que nada do que seja ofensivo possa adentrar aquele santuário da consciência. Ali jaz a verdadeira fortaleza do castelo, que é, ao mesmo tempo, a porta através da qual tudo entra.

Ele aprenderá, nessa formação do seu caráter, a ter cautela com a sua linguagem. O falar reto deve ser verdadeiro, escrupuloso, nitidamente verdadeiro, não a banal veracidade do mundo, embora ela não seja coisa desprezível. A estrita veracidade é necessária, acima de tudo, aos estudantes do **Ocultismo** — a verdade de observação, a verdade no registro do que se observa, a verdade no pensar, a verdade no falar, a verdade na ação. Onde não houver essa corajosa determinação de se fazer verdadeiro, não haverá possibilidade de **Ocultismo** que não seja repleto de perigos, não haverá possibilidade de nada, a não ser a de queda, profunda e terrível, em proporção com a altura que o estudante puder ter alcançado.

Essa qualidade de verdade no **Ocultismo** é, ao mesmo tempo, seu guia e seu escudo: seu guia por conceder-lhe a intuição que lhe permite escolher entre o caminho falso e o verdadeiro, entre o caminho da mão única e o da contramão; um escudo, porque somente quando estiver protegido por esse escudo é que todas as ilusões e fascinações dos planos, através dos quais ele passa, vêm a sucumbir,

inofensivas. Porque é na prática da verdade no pensar, no falar e no agir que se vai despertando aos poucos aquela intuição que trespassa todos os véus da ilusão, e contra a qual não pode haver possibilidade de se estabelecer uma decepção com êxito. Por toda a parte, no mundo da ilusão, essa falsidade das aparências será encontrada, até que a intuição espiritual possa perpassar o todo que elas formam, com visão direta e inalterável. Não há o que denominam desenvolvimento, no que se refere à intuição espiritual, a não ser quando a verdade é secundada pelo caráter, quando a verdade é cultivada pelo intelecto, quando a verdade se desenvolve na consciência. Sem isso, nada, senão o fracasso, senão os tropeços inevitáveis.

A palavra, então, será verdadeira e será também delicada. Porque a verdade e a delicadeza não se acham em oposição, como nos inclinamos a pensar com demasiada freqüência. A palavra nada perde da sua verdade por ser perfeita em sua delicadeza e perfeita também em sua cortesia e compaixão. A palavra que reflete a mais íntima essência do **Universo** não pode ferir injustamente nenhum ser vivo, nem se fazer falsa pela mais leve sombra de desconfiança. A austeridade da palavra, a verdadeira mortificação e o sacrifício da palavra são a oblação de todos os aspirantes.

Então, a partir da palavra justa e do justo pensamento, a ação reta deve fluir, inevitavelmente, porque a ação é apenas a manifestação do que está no interior. Quando o pensamento é puro, quando a linguagem é verdadeira e justa, a ação será nobre, de maneira inevitável; de uma doce nascente de água só pode vir um doce fluir; do coração e do cérebro que foram purificados a ação deve ser, essencialmente, justa e boa. Esse é o cordão tríplice pelo qual o aspirante está ligado tanto à humanidade como ao seu **Mestre** — autocontrole no pensamento, na palavra e na ação — o tríplice cordão que liga o homem ao serviço, que vincula o

discípulo aos **Pés do Mestre**, o tríplice cordão que não pode ser rompido com facilidade.

Quando tudo isso é compreendido e encetado, nosso candidato começa a usar um método muito prático e definido na formação do seu caráter. Primeiro formará o que se chama "*Ideal*". Tratem-se de compreender claramente o termo "*Ideal*". A mente, trabalhando dentro de si própria, constrói uma imagem interna, com o muito que ela assimilou do mundo externo, mas a idéia é o resultado da ação interna da mente sobre os materiais. Uma idéia é, em seu mais alto grau, uma coisa abstrata, e se compreendermos como uma idéia abstrata é formada no simples conhecimento do cérebro, teremos, então, uma opinião muito clara sobre aquilo que entendemos por um ideal.

Tomemos a antiga demonstração: a idéia abstrata de um triângulo. A idéia de um triângulo pode ser captada, de início, pelo conhecimento do cérebro trabalhando na criança através do estudo das muitas formas que lhe dizem ser um triângulo. A criança observará que aquelas muitas formas têm contornos diferentes, feitos de linhas que partem para diferentes direções. Quando olha para eles separadamente, vê que são muitíssimo diferentes, e então passa a vê-los como muitas figuras e não reconhecerá certas unidades subjacentes que dão a todos eles o mesmo nome. Mas aprenderá, aos poucos, que há certas concepções definidas que formam a base dessa concepção única do triângulo: que ele tem sempre três linhas e não mais, que essas três linhas, quando reunidas, têm sempre um certo valor definido, que os três lados do triângulo mantêm certo relacionamento uns com os outros, e assim por diante. A mente, trabalhando sobre o todo dessas observações, extrai delas o que se chama a idéia abstrata de um triângulo, que não tem tamanho específico, nem feitiço específico, nem ângulo específico, se tomados

separadamente. Essa idéia abstrata é formada pelo trabalho da mente sobre todas as muitas formas concretas até o ponto concernente ao conhecimento do cérebro. No cérebro, forma-se uma idéia abstrata, sem cor nem feitio, nem qualquer forma ou característica especial, seja de que tipo for, e que reúne em si aquilo que faz das suas muitas formas uma unidade.

Quando formamos um ideal, ele é uma idéia desse tipo abstrato. O trabalho da faculdade de criar imagens que a mente possui, extrai a essência de todas as diferentes idéias que obteve sobre as grandes virtudes — do que é belo, do que é verdadeiro, do que é harmonioso, do que é misericordioso, do que é, em todos os sentidos, satisfatório para as aspirações da mente e do coração. De todas as idéias diferentes, tais como foram vistas em sua limitada manifestação, a essência é extraída. Então, a mente constrói e lança para o exterior uma vasta e heróica forma imaginada, na qual tudo é conduzido para a perfeição, na qual tudo alcança sua mais alta e completa expressão. Já não mais tratamos com coisas verdadeiras, mas com a verdade; não mais com coisas fortes, mas com a força; não mais com seres que amam, mas com o amor. Essa imagem perfeita — pujante e harmoniosa em todas as suas proporções, maior do que tudo quanto foi visto — é que o aspirante forma da maneira mais precisa que ele é capaz de conceber, sabendo, todo o tempo, que seu mais belo sonho não passa de uma tênue sombra da realidade que em raros momentos de inspiração o **Espírito** deixa tombar sobre a mente. Porque no mundo do **Real** existe, em viva luz, o que aqui embaixo ele vê, por assim dizer, em fraco reflexo colorido, suspenso nas alturas dos céus sobre as montanhas nevadas da aspiração humana. O ideal que ele forma é ainda imperfeito porque assim precisa ser! É apenas a sombra da **Realidade**. Contudo, por mais imperfeito que seja, para ele é o ideal, de acordo com o qual seu caráter é formado.

Mas por que criar um ideal? Seja-me permitido citar duas frases, uma delas de uma grande escritura hindu, e outra de uma escritura cristã, para mostrar como os **Iniciados** referem-se aos mesmos fatos, seja qual for o idioma que usem, seja qual for a civilização à qual suas palavras se dirijam. Lê-se num dos mais místicos dos **Upanishads**, o **Chandogya**: "*O homem é uma criatura que reflete; aquilo sobre o que ele reflete é aquilo que ele se torna: portanto, reflete sobre Brahma*".*

Milhares de anos depois, outro grande **Mestre**, um dos construtores do Cristianismo, escreveu exatamente a mesma coisa, com outras palavras: "*Mas todos nós, com rosto desvelado, contemplando como em um espelho a glória do Senhor, somos transformados na mesma imagem, de glória em glória*".**

Contemplando como num espelho, porque a mente é um espelho, e as imagens são lançadas sobre ele e são refletidas, e a **Alma** que contempla a glória do **Senhor** transforma-se na mesma imagem, de glória em glória. Assim, aceitem o que diz o **Hindu** ou o que diz o **Cristão**, é o mesmo ensinamento de **Fraternidade** que recebem — o de que devem ter um ideal diante de si, a fim de que possam refleti-lo. Aquilo para o que a mente se volta constantemente será, é inevitável, aquilo que o homem se tornará.

Como se procederá a essa formação do ideal? Positivamente, pela contemplação, ou meditação, com integral propósito; escolhendo seu tempo e não permitindo afastar-se dele, esse aspirante, que está disciplinando seu próprio caráter, contemplará, dia após dia, o ideal que está plasmando. Fixará a mente nele e de forma constante o refletirá em sua consciência. Dia após dia ele retornará ao plano que esboçou, apoiando-se nele em seu pensamento. Enquanto contempla,

* *Chandogya*, III, xiv, 1.

** *Cor.*, iii, 18

dentro dele crescerão, de maneira inexorável, aquela reverência e respeitoso temor que são veneração, o grande poder transformador pelo qual o homem vem a ser aquilo que adora. E essa contemplação será, de forma essencial, a contemplação da reverência e da aspiração. Enquanto contempla, os raios do **Ideal Divino** brilharão sobre ele, e a aspiração irá elevá-lo para abrir as janelas da **Alma**, a fim de recebê-los. Esses raios o iluminam por dentro, e então lançam a luz para o exterior; o ideal sempre brilhando dentro dele, e apontando o caminho que seus pés devem percorrer.

Para que possa contemplar dessa forma, ele deve treinar-se para a concentração; a mente não deve dispersar-se, como tantas vezes acontece conosco. Temos de prender a fixá-la com firmeza. Devemos trabalhar nesse sentido, constantemente, em todas as coisas comuns da vida, fazendo uma coisa de cada vez, até que a mente responda, obediente, ao impulso, fazendo isso com a energia concentrada que a dirige para um único ponto. Não importa que muitas das coisas que tenhamos de fazer sejam triviais. Não é o tipo específico de trabalho que nos cumpre realizar no mundo o que importa, mas a forma pela qual o realizamos, a mente que firmamos nele, as forças com as quais o realizamos, o treinamento que ele nos leva a obter. Não importa o que a vida possa ser, porque essa vida servirá de meta para o treinamento. Porque, tendo alcançado essa faculdade e estando a mente definitivamente dominada, podemos dirigi-la para onde quisermos e escolher o objeto para o qual ela será orientada. Podemos, porém, da mesma forma, obter o controle tanto das coisas pequenas como das coisas grandes, e isso, na verdade, é muito melhor, porque as coisas pequenas estão em torno de nós todos os dias, e as grandes raramente acontecem.

Quando surgem as coisas grandes, a mente, por inteiro, ergue-se para enfrentá-las. Toda a atenção é fixada naquilo, toda a energia é chamada a agir, de forma que possamos nos conservar bem, quando a tarefa importante tenha de ser realizada. O valor real da **Alma**, entretanto, é testado mais nas pequenas coisas, quando nada há que chame a atenção, nada, em sentido algum, que provoque aplausos, quando um homem está trabalhando, com ponderação, a fim de se disciplinar.

A autodisciplina é a chave de tudo. Oriente sua vida de acordo com algum plano, estabeleça, para você mesmo algumas regras, pelas quais sua vida deve fluir. Quando as tiver estabelecido, mantenha-as, e só as altere de maneira tão ponderada como as estabeleceu.

Recorra a algo bem simples como regra definida: o levantar-se a cada manhã, porque o corpo tem de ser posto sob controle. Fixe o tempo que considera melhor para o seu trabalho, para seu lugar no governo da casa, e quando tiver fixado esse tempo, mantenha-o. Não permita que o corpo escolha, na hora, o seu tempo, mas cuide de treiná-lo naquele instante para uma obediência automática que o torna um servo fiel da mente. Se depois de algum tempo de prática perceber que escolheu mal, então modifique o que havia estabelecido. Não seja rígido, já que está se esforçando por fortalecer sua vontade; esteja pronto a modificar o que não funciona bem. Mas que essa modificação seja feita por sua escolha pessoal, e com perfeita ponderação. Não faça mudanças porque, no impulso do momento, a paixão, o desejo do corpo, ou a emoção podem estar governando. Não faça mudanças atendendo à natureza inferior que deve ser disciplinada, mas faça-as se concluir que escolheu mal. Nunca, ao dirigir sua própria vida, deve fazer das regras que estabeleceu um embaraço para os que o rodeiam, nem escolha métodos de

autodisciplina que irrite ou estorvem os outros, ao invés de simplesmente fazerem o seu treinamento.

O próximo estágio será o de analisar o próprio caráter, porque está trabalhando com conhecimento e não às cegas. Talvez, se for sensato, assimile algumas das coisas que os grandes homens colocaram diante de você como descrição do caráter que o levará à porta do Templo. Pode seguir, por exemplo, uma indicação como a que é fornecida no **Bhagavad-Gita** na décima sexta prédica, quando Shri Krishna, dirigindo-se a Arjuna, diz como formar um caráter divino. Ali, você encontrará um rol de qualidades, cada uma das quais pode bem servir como parte do seu pensamento e empenho constantes, recordando que o caráter é formado, em primeiro lugar, pela contemplação de uma virtude, depois pelo empenho em trabalhar essa virtude que se tornou parte do pensamento, no discurso e na ação da vida cotidiana.

"Intrepidez, Pureza de Coração, Firmeza no loga da Sabedoria, Caridade, Autodomínio e Sacrifício, Estudo dos Shastras, Austeridade e Retidão, Inofensividade, Verdade, Ausência de Cólera, Renúncia, Tranqüilidade, Ausência de Calúnia, Compaixão para com todos os Seres Vivos, Desprendimento, Indulgência, Modéstia, Ausência de Inconstância, Coragem, Clemência, Firmeza, Lealdade, Amizade, Ausência de Orgulho — são típicos do que nasce com as qualidades divinas". Nem todas essas qualidades ele as obtém ao mesmo tempo, mas tornam-se dele e são criadas na formação do caráter. Cada uma delas deve ser praticada, de início, como é natural, de forma imperfeita, mas, ainda assim, com firmeza, e dia a dia — sem nunca experimentar desânimo por sentir falhas na realização, mas exultar ao atingir a meta, sabendo que cada passo é dado para a finalidade que se propôs alcançar.

Se você ler a lista dessas qualidades, com calma e cuidado, verá que pode agrupá-las sob tópicos bem-definidos. Observe como através delas correm os fios dourados da generosidade, do amor, da incapacidade de fazer mal; veja como a coragem, a força e a resistência encontram também seu lugar, de modo que você consegue um delicado equilíbrio de caráter, um caráter que é forte, mas também terno, que é, simultaneamente, autoconfiante e compassivo, que é, ao mesmo tempo, um auxiliar dos fracos, sendo ele próprio forte e inabalável, que é cheio de devoção e de inocência, repleto de autodisciplina e, portanto, de harmonia.

Suponhamos que você aceite isso, até certo ponto, como ideal para a orientação do pensamento cotidiano, e comece a trabalhar nela. Consideremos um ponto que com freqüência é encontrado no balanço de muitas virtudes reunidas, e muito mal-compreendido. Trata-se de palavra estranha aos ouvidos brasileiros: indiferença. Às vezes é trabalhada em detalhe, como indiferença ao prazer e à dor, indiferença ao frio e ao calor, indiferença à censura e ao aplauso, indiferença ao desejo e à aversão, e assim por diante. O que ela realmente significa?

Acima de tudo, significa aquele senso de proporção que deve passar a integrar a vida de alguém que captou um relance do **Real** no superficial, do permanente no transitório. Desde que o aspirante tenha compreendido toda a extensão de tempo que há diante dele, toda a vastidão da tarefa que vai ter de executar, toda a grandeza das possibilidades que ainda existem, ocultas, à sua frente, as coisas da vida superficial da pessoa devem tomar seu lugar em proporção com o todo. Sobrevindo um transtorno, ele já não avultará tanto como quando uma única vida era tudo quanto essa pessoa compreendia, porque agora ela começa a perceber que já arrostou muitos aborrecimentos e que de cada ocasião saiu mais forte e mais tranqüila. Sobrevindo a alegria, ela sabe que já as teve muitas e que

também aprendeu com as suas lições, descobrindo serem elas também fugazes. Assim, quando assoma a alegria, quando vem a dor, a pessoa as sente em seus verdadeiros lugares e em seu verdadeiro valor, conferindo-lhes apenas a dimensão que lhes cabe no grande esquema da vida.

Isso não quer dizer que essa pessoa tornou-se incapaz de sentir. O que acontece é que ela está sendo cada vez mais sensível a cada vibração do mundo interior e do mundo exterior. Na proporção em que se harmoniza com o **Todo**, deve tornar-se responsiva a todos os tons da harmonia íntima. Mas nada disso pode prevalecer no sentido de perturbá-la, de modificá-la, de atribular sua serenidade ou obnubilar a sua calma. Porque ela está pessoalmente enraizada onde as tempestades não se encontram, está fixada onde mudanças não acontecem, e, embora possa senti-las, nunca pode ser desestruturada por elas. Elas assumem seu devido lugar na vida, mantêm sua correta proporção quanto à duração total da existência da Alma.

Aquela indiferença, aquela verdadeira e real indiferença, que significa fortaleza, como você pode desenvolvê-la? Primeiro pensando diariamente nela, até compreendê-la por completo, trabalhando — de pormenor em pormenor, de forma a saber o que entende por aquilo. A seguir, deve praticá-la em sua vida cotidiana, sem recorrer à formação de uma concha em torno de si mesmo, uma concha que tudo afasta, mas fazendo-se responsivo a tudo o que vem de fora. Ao mesmo tempo, tente manter um equilíbrio interior que se recusa a ser alterado quando a mudança é sentida diretamente, usa é uma lição difícil, mas que traz consigo muito de alegria, de esperança e de uma vida mais intensamente vivida.

À proporção que a **Alma** se sente crescendo, forte demais para ser abalada, sem deixar de captar toda a vibração que vem de fora, ela tem um sentido

mais amplo da vida, um sentido de harmonia mais completo, de consciência em permanente crescimento, de unidade cada vez maior com aquilo de que ela é parte. À proporção que o senso de isolamento se desfaz, flui para ela a alegria que jaz no coração das coisas, e mesmo aquilo que para o homem comum é dor perde seu atributo doloroso. O discípulo sente isso, por assim dizer, como parte da **Vida Universal**, como uma sílaba pronunciada com aquela ampla linguagem da **Manifestação**. Ele pode captar o seu significado sem agonia em seu próprio coração, porque a paz nascida da expansão do conhecimento o domina e modifica, por assim dizer, sua atitude em relação a tudo o que os homens conhecem como dor e perda no mundo exterior.

Assim pensando, você experimentará essa sensação de calma, de força e de serenidade crescendo em seu interior, de forma que chegará a sentir-se como se estivesse num lugar de paz, independentemente do temporal que se abate sobre o mundo exterior. Verá e sentirá o temporal, mas não será abalado por ele. A **Vida Espiritual** se manifesta primeiro nessa sensação de paz, e a seguir na de alegria. Nasce daí a sensação de autocontrole, de que o **Eu** interno é mais forte do que as mudanças externas, e, embora esteja disposto a responder a essas mudanças, recusa-se a ser alterado pelos contatos externos. Então, como conseqüência do autocontrole e da indiferença, vem o poder de não odiar ninguém. A ênfase é posta nesse ponto, em todas as linhas orientadoras preparadas para o aspirante. Nada deve ser odiado, tudo tem de ser conduzido para o círculo do amor, por muito repulsivo, antagônico ou repugnante que seja exteriormente. O coração de tudo é **Vida e Amor**, portanto, o aspirante, que está aprendendo suas lições, não pode fechar à entrada daquele círculo de compaixão a coisa alguma. Tudo é ali recebido,

de acordo com a sua própria capacidade de sentir, e ele é amigo de todo ser vivo, o amante de tudo quanto vive e sente.

Formando assim o seu caráter, o aspirante torna-se destemido, e destemido porque, nada odiando, nada existe que tenha o poder de prejudicá-lo. A ofensa que vem de fora é sempre uma reação à agressão vinda de dentro, porque, se formos inimigos de outros, eles, por seu turno, serão nossos inimigos, e se sairmos para o mundo como ofensores, as coisas vivas, por sua vez, ofender-nos-ão. Devemos ser amantes de todas as coisas vivas. Aqui, o trabalho do homem é educar seus irmãos mais jovens e levá-los a subir, com toda a ternura e compaixão. Ainda assim, tiranizamos outros, humanos ou animais, desde que sejam mais fracos do que nós, e pela sua fraqueza dosamos, amiúde, a nossa tirania, e pela sua impotência também dosamos, com bastante freqüência, a carga que colocamos sobre eles. Em nossa cegueira, não sabemos que todo ódio que nos vem do mundo exterior é o reflexo do mal que está em nós próprios, e também não sabemos que para o coração amoroso nada há que seja odioso, portanto nada há que possa ofendê-lo.

O homem que tem amor pode andar desarmado através da selva, intocado através da caverna da fera carniceira, ou tomar a serpente nas mãos, porque em seu coração nada há que seja mensagem de ódio. O amor que irradiamos para o mundo em torno de nós atrai todas as coisas para servir e não para prejudicar, para amar e não para odiar. Assim, aos pés do **logue**, o tigre rolará amigavelmente; aos pés do santo, o mais selvagem dos animais irá levar seus filhotes, pedindo para eles abrigo e ajuda. Todas as coisas vivas se aproximam do homem que ama, porque todas elas são frutos do **Divino**, e o **Divino é Amor**.

Assim, paulatina e lentamente, aprendemos a caminhar pelo mundo sem temor, intrépidos mesmo através de coisas que ainda podem prejudicar-nos, porque sabemos que, feridos, estaremos apenas pagando uma dívida contraída num mau passado, e que para cada dívida resgatada haverá um saldo menor contra nós, no livro de crédito da **Natureza**. Sentimo-nos sem temor, porque também aprendemos a saber. O medo nasce da dúvida e do rancor. O homem que sabe passou para além da dúvida e caminha com pés destemidos por onde quer que vá, porque sabe que está palmilhando apenas terreno sólido, e ali não há armadilhas para seus passos. Nasce daí uma vontade firme, inabalável, vontade calcada no conhecimento, e que cresce em confiança através do amor. Quando o aspirante está cruzando o **Pátio Externo**, seus passos fazem-se mais firmes, seu roteiro torna-se mais direto e inarredável em seu propósito, crescente em sua força. Seu caráter começa a mostrar-se com contorno definido, claro, distinto, firme; a **Alma** expandindo-se, adiantando-se para a frente, para a maturidade.

Então, vêm o gradual desapego de todos aqueles desejos que nos ligam aos mundos inferiores, o paulatino trabalhar de todos aqueles anseios que em nossas vidas passadas chegamos a descobrir que não continham satisfação para a **Alma**, a libertação paulatina de todos os grilhões que nos prendem à terra, a eliminação gradativa do desejo pessoal e a auto-identificação com o todo. Porque aquele que está crescendo não irá renascer por qualquer dos vínculos que pertencem à terra. Os homens voltam à terra porque são mantidos ali, ligados por esses vínculos de desejos que os prendem à roda dos nascimentos e mortes. Esse homem que estamos estudando, que vai ser livre, deve romper tais vínculos de desejos por iniciativa própria. Só uma coisa poderá prendê-lo, trazendo-o de volta ao nascimento: o amor pelos seus semelhantes, o desejo de servir. Não está ligado à

roda, porque é livre, mas pode retornar e dar a volta à roda uma vez mais, por amor daqueles que ainda estão presos, e junto dos quais ficará até que os vínculos de todas as **Almas** sejam rompidos. Nessa libertação, ele rompe os laços da compulsão e aprende assim o perfeito altruísmo, aprende que está buscando o que é bom para todos, e só deseja obter o que serve para **Todos**. Aprende, então, a autoconfiança e a ser forte para que possa ajudar e confiar no **Eu** que é o **Eu** de todos, e para identificar-se com esse **Eu**, pois para tanto está crescendo.

É possível que o aspirante tenha de enfrentar uma das mais duras provas nesse **Pátio Externo**. Quando ali entrou, sabendo e vendo o júbilo prodigioso que tinha pela frente, voltara às costas a muito do que faz a vida agradável aos seus semelhantes. Há, porém, algumas ocasiões, durante esses estágios de crescimento da **Alma**, em que nada foi deixado na terra que pudesse satisfazer: quando perdeu contato com as velhas amizades, e os deleites terrenos perderam seu sabor. As mãos que estão à frente, embora nos estejam amparando, ainda não são sentidas; a pedra que está a nossos pés, embora os tenhamos plantados sobre ela, ainda não é compreendida como imutável e irremovível. A alma está pesadamente coberta pelo véu da ilusão e pensa ter sido abandonada.

É o vazio, no qual todo o aspirante mergulha por seu turno. Quando aquele vazio se abre, escuro e parecendo insondável, aquele que lhe está à margem recua, apavorado. Contudo, não precisa temer.

Mergulhe no vazio e verá que está repleto! Salte para a frente, na escuridão, e sentirá uma pedra sob seus pés! Solte-se das mãos que o mantêm para trás. Mãos mais poderosas agarrarão as suas e o atrairão para diante, e são **Mãos** que nunca o deixarão. Saia, então, ousadamente para a escuridão e a soledade, e descobrirá que a soledade é a maior das ilusões, que a treva é uma luz que ninguém

mais pode perder em sua vida. Essa prova, uma vez enfrentada, é também vista como uma grande ilusão, e o discípulo que ousou mergulhar encontra-se do outro lado dela.

Assim, a formação do caráter continua e continuará, pelas vidas que virão, cada vez mais nobre à proporção que cada uma dessas vidas termina, cada vez mais vigoroso a cada passo que se adianta. Esses são apenas os fundamentos das formações que eu sugeri. Se a sua realização parece importante é porque na mente do arquiteto o edifício está completo, mesmo quando a planta é apenas um esboço, já que sua imaginação vê o edifício concluído e sabe para que o está construindo.

E o fim? Ah! O fim dessa formação, dessa construção do caráter, nossa língua sequer pode esboçar. Não há pincel, se mergulhado apenas nas cores foscas da terra, que possa pintar algo da beleza daquele ideal perfeito, para o qual temos a esperança de nos elevar, ou melhor, para o qual sabemos que todos temos de nos elevar. Já captaram, alguma vez, um relance disso, em momentos de silêncio? Já viram alguma vez o reflexo disso, quando a terra estava serena e o céu mostrava-se calmo? Tiveram, alguma vez, um relance daquelas **Faces Divinas** que vivem e se movem — Aqueles que foram homens e agora são mais do que homens, sobre-humanos em Sua grandeza?

Se tiveram esse relance, então não precisam que minhas palavras lhes falem disso. Sabem da compaixão que de início parece compor o todo do ser, tão radiante é a sua perfeição, tão gloriosa é a sua divindade; e sabem da ternura, tão grande que pode curvar-se sobre o mais baixo; sabem como transcender o mais alto, que reconhece o menor esforço, bem como a mais importante realização — ou melhor, que é mais terno para com o fraco do que para com o forte, porque o fraco

precisa mais auxílio da solidariedade que jamais se modifica, do amor que não parece divino, de tal forma se apresenta humano, e que nos leva a compreender que o homem e **Deus** são um.

E, para além da ternura — a força que nada pode mudar, a força que traz em si a qualidade dos fundamentos do **Universo**, no qual todos os mundos podem ser construídos e ainda assim ela não será abalada, força de tal modo infinita, reunida a uma infinita compaixão.

Então, a radiosidade da alegria, a alegria que foi conquistada, a alegria que deseja ver todos os outros compartilharem a sua beatitude, o sol radiante que não conhece sombra, a glória da conquista dizendo que todos vencerão, o júbilo nos olhos dos que vêm para além do sofrimento e que, mesmo contemplando a dor, sabem que além dela está a paz.

Ternura, força, alegria propiciam a paz mais completa — a paz sem inquietações, serenidade que nada pode perturbar. Tal é o vislumbre que podem ter captado do **Divino**, do ideal que um dia nos tornaremos.

E se ousamos erguer os olhos para tão alto, é porque **Seus Pés** ainda pisam a terra que nossos pés estão calcando. Eles se ergueram muito alto acima de nós, mas nem por isso deixam de estar ao lado de **Seus** irmãos. E se nos transcendem, não é porque nos tenham deixado, embora, por todos os lados, estejam além de nós. Porque toda a humanidade reside no coração do **Mestre**, e onde a humanidade está, nós, seus filhos, podemos ousar entender que moramos.

IV. ALQUIMIA ESPIRITUAL

Vimos que o candidato que está no **Pátio Externo** tentará, aos poucos, trazer toda a sua natureza sob controle e dirigi-la para a realização do objetivo que ele prometeu a si mesmo atingir. Suponhamos, então, que nosso candidato vai voltar-se, agora, para a observação da **Alquimia Espiritual** — um processo de transmutação.

A alusão, naturalmente, é para aquele trabalho de alquimista, pelo qual ele transforma o metal inferior em metal nobre, o cobre em ouro. O processo é realizado, até certo ponto, na mente e na vida de cada pessoa religiosa e ponderada. Com o nosso candidato, porém, tal processo faz-se consciente e determinado, porque ele reconhece seu método e seu fim, e volta-se, intencionalmente, para a execução daquilo que deseja.

Assim, esse processo de alquimia espiritual pode ser considerado como uma transmutação de forças. Cada homem tem, em si próprio, vida, energia e vigor, bem como poder de vontade, e assim por diante. Com essas forças é que ele deve trabalhar, pois são energias através das quais seu objetivo tem de ser alcançado. Por um processo que pode ser razoavelmente descrito como alquímico, ele transmuta essas energias, levando-as do ponto inferior para o superior, das energias grosseiras para as que são refinadas e espiritualizadas. Não se trata, para ele, apenas da mudança de seus objetivos. Trata-se, antes, de mudá-los e purificá-los exteriormente, por assim dizer, tal como o alquimista, usando a matéria bruta, leva-a a passar, de fato, por um processo de purificação. Não é apenas uma simples purgação de impurezas, mas uma purificação que vai muito além disso. Ele tomou o próprio metal, reduziu-o a um estado mais fino, mais rarefeito, e, então, voltou a combiná-lo com um tipo nobre, com um tipo sublime.

Podemos imaginar o alquimista espiritual reunindo todas essas forças da sua natureza, consciente de que são forças, portanto, úteis e necessárias, mas, resolutamente, transformando-as, purificando-as e refinando-as. Interessa-nos o método de refinação, bem como a forma pela qual esse trabalho pode ser conduzido.

Há um aspecto subsidiário na alquimia espiritual que mal se pode deixar de levar em conta. As **Almas** estão ligadas à vida terrena pelos desejos, estão aguilhoadas pelos seus anseios de prazeres materiais, de alegrias particulares, isoladas, por assim dizer. Continuamente ocupadas em ações, as **Almas** estão ligadas a elas, sejam boas ou más, proveitosas ou prejudiciais. Ainda assim, no homem comum a ação nasce do desejo, e esse desejo é força dominante, escravizadora.

As ações devem continuar enquanto o homem permanecer no mundo: quando assim não fosse, já não haveria a manifestação. À proporção que um homem se faz mais nobre, mais sábio, mais forte, suas ações tornam-se sempre um fator cada vez mais importante no progresso do mundo. Se os homens de maiores qualidades se abstivessem da ação, o progresso da raça tornar-se-ia, sem dúvida alguma, demorado, o que levaria sua evolução a um inevitável retardamento.

Como é possível, então, que a ação se realize, e ainda assim a **Alma** seja livre? Aqui, vamos encontrar um caso de **Alquimia Espiritual**. O maior dos homens pode ser o mais ativo no serviço, e, apesar disso, seu serviço pode não chegar a tocá-lo como uma **Alma** livre. Isso parece um paradoxo — um serviço que é perfeita liberdade.

Ora, a expressão "*alquimia espiritual*", tomada como um meio para chegar a essa liberdade, é apenas uma forma de aludir à **Lei Fundamental do Sacrifício**.

Essa grande **Lei** no universo manifestado está na raiz de tudo e expressa-se constantemente, embora suas formas sejam tão variadas que chegam, com facilidade, a propiciar equívocos. Estamos tratando com uma verdade multifacetada, que é vista pela mente dos homens sob muitos aspectos. Ela tem, de fato, dois aspectos, conforme seja vista de cima ou de baixo.

É uma **Lei** que permeia o universo e à qual, pode-se dizer, todos os átomos estão submetidos, e que é, no sentido mais pleno da palavra, a expressão da **Vida Divina**. Há infinitas oportunidades de engano no simples tocar nessa **Lei**. A pessoa tende a ser unilateral, dependendo do ponto de vista que no momento lhe domine a mente — o lado da **Matéria** ou o lado do **Espírito**. No que tange à **Lei do Sacrifício**, tem dificuldade em evitar a excessiva ênfase sobre um ou outro lado, perdendo assim aquele equilíbrio constante a partir do qual somente a verdade pode ser perfeitamente representada.

Vejamos, em primeiro lugar, seu aspecto mais baixo, quando a encontramos expressa na **Natureza** manifestada e impressa no **Cosmo**, trabalhando nos mundos físico, astral e mental, e assim por diante. Isso inclui certo relacionamento entre todas as coisas vivas, bem como seres vivos de outros mundos que nos rodeiam. Aqui também encontraremos uma lição das mais úteis, a mais luminosa sugestão a nos auxiliar nesse processo do **Pátio Externo**.

Observando o sacrifício nos mundos inferiores, ele pode apresentar-se nos bastante apropriado como um processo de serviço mútuo, ou permuta; um girar contínuo da roda da vida, na qual cada ser vivo recebe e dá, na qual não podemos evitar receber, na qual não devemos recusar a dar. Em todas essas coisas tomamos parte, conscientemente ou não. Quanto mais desenvolvidas estejam as pessoas, mais consciente será a sua cooperação.

Essa forma de encarar o sacrifício talvez tenha sido exposta de maneira mais clara do que em qualquer outro lugar na **Canção do Senhor**, uma das **Escrituras Hindus** onde encontramos o sacrifício e a ação relacionados de uma forma que é bom compreender. Diz o grande Mestre:

“O mundo é unido por todas as ações, pela ação que tem o sacrifício como objetivo; è com esse objetivo, e livre de apego, ô filho de Kunti, que deves realizar tua ação”.

Então, voltando ao passado, a fim de completar esse ciclo que é o sacrifício pelo serviço mútuo, o Mestre diz:

“Em tempos antigos, tendo emanado a humanidade pelo sacrifício, o Senhor da Emanação disse: "Por isto vós vos multiplicar eis. Que isto seja para vós o Kamaduck (isto é, o leite do desejo). Com isto possam os deuses nutrir-vos, nutrindo, assim, uns aos outros; assim, nutrindo uns aos outros, colhereis o supremo bem entre os bens supremos. Porque, nutridos de sacrifício, os deuses vos concederão as alegrias que desejais.”

“Ladrão é, na verdade, o que goza do que lhe é dado por Eles, sem retribuir a dádiva. Do alimento vivem as criaturas, da chuva surge a produção do alimento: a chuva procede do sacrifício, e o sacrifício nasce da ação. Sabeis que a ação cresceu de Brahma, e Brahma veio do Imperecível.

Brahma, que tudo permeia, está, portanto, sempre presente no sacrifício. Aquele que na terra não segue a roda assim em movimento, pecador na vida, gozando pelos sentidos, esse é filho de Pritha, viveu em vão."*

A roda da vida está na raiz do sacrifício em todas as religiões, e quanto mais pura e mais nobre for a religião, mais pura e mais nobre será a idéia do sacrifício de que ela estará impregnada. Reparem como essa idéia alquímica é integralmente levada adiante: a mudança, sempre, de um em outro. O alimento transforma-se em seres, mas, para que haja alimento, a chuva se transformou nele, e a fim de que a chuva possa cair, o sacrifício foi oferecido aos Deuses. Então, os Deuses nutrem.

Encontraremos esse giro da roda da vida era destaque, por toda parte, nas religiões antigas. O **Brâmane**, por exemplo, lançará ao fogo o seu sacrifício, porque está dito: o fogo, **Agni**, é a boca dos Deuses. Lançando ao fogo esse sacrifício, nos velhos dias, acompanhado o gesto, como costumava ser, com **Mantras** usadas como palavras de poder sobre as forças inferiores da **Natureza**, aquele sacrifício disciplinava muitas dessas forças da **Natureza**, que, trabalhando sobre a terra, trazem à luz alimento para os homens. Embora a ação fosse, em si mesma, um símbolo, aquilo que ela simbolizava era real, e real, também, era a força que vinha dos lábios do homem de poder e mestre purificado.

O símbolo pretendia instruir as pessoas sobre a roda da vida e levá-las a compreender que a ação é, essencialmente, sacrifício. A ação deve ser realizada como dever, porque é direito realizá-la, e não com outro objetivo. Deve ser levada a

* Bhagavad-Gitã, iii, 9-16.

efeito para que o homem possa estar em harmonia com a **Lei**, porque a resposta à **Lei** é a sua parte na tarefa comum.

Sob esse ensinamento, o sacrifício era o laço de união, o fio de ouro que reunia todos os seres deste **Universo** manifestado. Como raiz do sacrifício havia a ação; tal como a ação vem do **Deus** em manifestação, tal como **Ele** era aquilo que se manifestava — dizia-se que **Brahma** permeava todos os sacrifícios. Toda ação pode, assim, ser realizada no mundo como um dever, não com o desejo de trazer frutos para a pessoa, ou para proveito pessoal, porque, nesse caso, vem o modo de ver inferior, rebaixado, egoísta, com o qual os sacrifícios foram ulteriormente feitos.

Existe a verdadeira essência da alquimia, que, transformando a ação em sacrifício, queima as cadeias do desejo e libera o sábio. Assim, queimada no fogo do conhecimento, a ação perde toda a sua força aprisionadora da **Alma**. A **Alma** torna-se, com a **Natureza Divina**, uma companheira de trabalho, e cada ação lançada sobre o altar do dever torna-se uma força que faz girar a roda da vida, mas nunca prende a **Alma**.

Essa permuta constante, esse serviço mútuo, é uma forma da grande **Lei do Sacrifício**. Quando a ação é levada a efeito como dever, torna-se parte da harmonia universal. O trabalho do nosso aspirante no **Pátio Externo** vai, aos poucos, treinando-o para realizar todas as ações de uma forma sacrificatória. Quem quer que faça isso está em consciente harmonia com a vontade divina no universo manifestado e torna-se, assim, uma força para a evolução, uma energia para o progresso. Todas as nações irão beneficiar-se pela ação que, de outra forma, só teria trazido ao sacrificador um fruto pessoal, que, por sua vez, prenderia sua **Alma** e limitaria suas potencialidades para o bem. Assim, então, podemos ver essa **Lei do Sacrifício** trabalhando, quando vista de seu aspecto mais baixo.

Quanto ao mais alto, do ponto de vista mais sublime, o sacrifício, visto em sua mais íntima essência, é um "dar", um espriar-se para fora. Vai motivado pelo desejo de dar; sua essência está no anseio de deixar fluir algo que, sendo precioso para o que o possui, ele deseja dar, a fim de que ajude e dê alegria a outros.

Portanto, em sua essência, ele é jubiloso e não penoso, sendo a própria dádiva o verdadeiro coração da ação sacrificatória.

No verdadeiro coração, no âmago da **Manifestação**, o supremo ato de sacrifício é essa auto-limitação de **Uma Existência**, pela qual **Ela** apresenta, como **Energia**, o **LOGOS** manifestado.

Essa maneira de considerar o sacrifício foi mantida para implicar o que parece ser uma contradição em seus termos: "*A agonia do LOGOS.*" Mas o que é o **LOGOS** senão **Brahma** em manifestação? A natureza de **Brahma** — nas antigas **Escrituras**, que, por sua vez, têm suas raízes em conhecimento ainda mais antigo — é beatitude. Nenhum outro pensamento é possível, se de alguma forma tentarmos pensar no que está para além da manifestação.

Que **Brahma** é beatitude tem sido a tônica da mais antiga religião **Ariana**. Ao passo que o homem sobe em direção a **Brahma**, o próprio último revestimento da **Alma** é chamado o **Revestimento da Beatitude**. Se estudarmos a **Raja loga** da Índia e os veículos nos quais a **Alma** pode manifestar-se nos mundos, veremos que, à proporção que ela se retira dos mundos inferiores, vai descartando seus sentimentos inferiores, o corpo, o corpo sutil, o revestimento do desejo, e, então, a mente. A **Alma** sobe e sobe, sempre se aproximando de **Brahma**, que é ela própria, e adquirindo cada vez mais sua natureza própria e essencial.

No verdadeiro final há o revestimento mais alto, tão sutil que mal pode ser diferenciado do **Um** e **Único**, a delgada, fina individualidade, necessária para

guardar a colheita das eras que ficaram para trás. Esse revestimento tem um nome — o **Revestimento da Beatitude**. Todos os que estão lutando no mundo, envoltos nas espirais da ignorância, devem ser lembrados de que o progresso, em loga, que é a união com o **Divino**, deve ser conduzido de estágio a estágio, até que a **Alma** esteja envolvida em nada mais a não ser a beatitude, pois "*Brahma é Beatitude*". Portanto, um ato sacrificial não é possível nessa região elevada, que não pode ser outra coisa senão um ato de alegria, um ato de emanção de beatitude.

Dessa Natureza Suprema, que é a beatitude, o universo veio a ser; dessa Existência **Ego** limitadora veio o **LOGOS** que é **Ele Próprio**. O verdadeiro objetivo do **Ego** limitação foi o de emanar beatitude, que é **Sua** própria e essencial natureza, de forma que quando o ciclo das existências viesse a ser completado, houvesse muitos indivíduos, radiantes e jubilosos, compartilhando com **Ele** essa beatitude perfeita, uma beatitude sempre crescente à proporção que se aproxima do **Ele Próprio**. Existe sofrimento apenas pela suposição da distância em que **Ele** está, porque a **Alma** está envolvida na ignorância. A base do sacrifício é aquela alegria que se movimenta para trazer muitos a se reunirem com **Ele Próprio**, da qual a finalidade é a **Paz** que ultrapassa qualquer expressão.

Compreendendo isso poderemos localizar nossa **Lei de Sacrifício** e compreender seu aspecto dual. O aspecto que é "*dar*" alegria. O inferior, entretanto, mais arrecada do que dá, e o sacrifício aparece continuamente a partir do ponto de vista da natureza inferior, como renúncia, que é dor. À proporção que o homem se faz ele próprio, isto é, à proporção que se torna divino em sua própria consciência do eu, sentir-se-á cada vez mais jubiloso, cada vez mais apto a dispensar alegria para outros. A beatitude deve aumentar conforme a natureza mais elevada se

desenvolve, e a dor só aparece pela fricção, pela luta com o inferior — que é, na verdade, o **Eu** oprimido pela ignorância e envolvido em ilusão.

A dor é usada para livrar aquele homem da ignorância. Todo o processo de crescimento e evolução está nesse livrar-se da ignorância. Ele pode ser descrito, e assim é sentido por nós, constantemente, em nossa natureza inferior, como dor, perturbação e conflito. Contudo, na proporção em que o verdadeiro homem interior se desenvolve e se faz conscientemente ativo e capaz de se expressar na natureza superior, então ele compreenderá que a essência de todos os seus esforços é trazer essa manifestação de júbilo e paz para auxiliar um mundo sofredor. Aos poucos, será capaz, por assim dizer, de permear a natureza inferior com sua própria convicção, à proporção que a purifica da ignorância e a leva a compreender a realidade das coisas, em vez da sua ilusória aparência.

Vindo a este mundo para acumular experiência, quando a influência do homem superior sobre o inferior é do tipo mais leve possível, essa natureza inferior mergulha no mundo da sensação, captando aqui e acolá tudo quanto parece atraente, ignorando o efeito das coisas, conduzida, simplesmente, pela aparência exterior. Essas primeiras experiências da natureza inferior, longamente continuadas, serão um captar constante de deleites aparentes, e um constante verificar de que tais deleites são menos satisfatórios do que se imaginava.

Dessa forma, a dor leva ao conhecimento, como também o prazer leva ao conhecimento. Recebendo experiências nesses dois lados da natureza manifestada, a **Alma** reúne um pequeno conhecimento da realidade subjacente nas coisas e isso transforma sua experiência em conhecimento, converte seu conhecimento em sabedoria, e essa sabedoria passa a ser, doravante, o seu guia.

A sabedoria é sempre uma fonte de alegria pura, não-deturpada. Essa sabedoria crescente representa uma visão sempre aumentada, serenidade aumentada e força aumentada. Desse ponto de vista, mesmo a dor tem seu lado prazeroso — já que não se recebe mal o que é doloroso para a natureza inferior. Porque o homem verdadeiro não vê nas experiências a dor transitória da natureza inferior, e sim aquilo que é obtido pela natureza superior. Faz a escolha entre elas, com serena alegria ao escolher, porque vê o término do trabalho, o ouro que sairá do fogo.

Suponhamos, contudo, que tomemos o ser humano enceguecido pela ignorância, num mundo inferior. Vamos encontrá-lo aprendendo essas lições constantemente ensinadas pela natureza, lições rigorosas e doridas. Vemo-lo buscando satisfações animais, indiferente aos prejuízos que causa a outros, indiferente aos sofrimentos que atingem os que o rodeiam, quando se apodera, para seu uso, de alguma coisa que deseja. Então, com toda a certeza, ao sentir esse objeto fazer-se em pedaços no momento em que o agarra, sua primeira sensação será de dor aguda, de intenso desapontamento, uma impressão de abatimento e revolta. Vista assim, a experiência é verdadeiramente dolorosa, embora, a partir daquele ponto de vista, seja uma experiência que vale a pena colher.

Muito mais do que isso, entretanto, o inferior e o superior estão em conflito. O superior deseja uma certa realização e tem de trabalhar através do inferior. O inferior não entende a intenção do superior, não compreende o objetivo que o superior está vendo. Sem essa cooperação do inferior, o objetivo do superior não pode ser alcançado. Assim, acontece a luta com a natureza inferior, às vezes para forçá-la a adiantar-se, às vezes para contê-la. No todo, para a natureza inferior ainda envolvida na ignorância, aquilo desperta uma sensação opressiva, uma

imposição para que dê, desfazendo-se daquilo que deseja ter. Lentamente, porém, chega àquela natureza inferior a compreensão de que o ganho vale o sofrimento, e que esse domínio da dificuldade pelo esforço, embora o esforço em si mesmo seja doloroso, ainda representa tanto ganho em vigor, que a simples dor passageira se perde na alegria da realização.

Dessa forma, a **Alma** se desenvolve, e à proporção que isso ocorre, deverá haver, até mesmo onde interessa à natureza inferior, esse duplo trabalho do intelecto na mente do homem, e nele o homem escolherá, com determinação, alguma coisa difícil de obter, porque percebe que ela é extremamente desejável. Contudo, não pode obtê-la sem sacrifício de alguns desejos inferiores e fará esse sacrifício, queimando-o, por assim dizer, no fogo do conhecimento.

Descobre então que o que está queimando são as limitações e fraquezas que não o deixavam avançar, e que o toque do fogo, que de início parecera doloroso, não é senão a destruição daquelas cadeias. Então, o júbilo se libera. No repetir-se da experiência, o homem assimila, cada vez mais, a liberação, e cada vez menos, o sofrimento através do qual a liberação é obtida.

Com essa observação íntima, uma vez mais aquele sofrimento converte-se em alegria, porque ali houve, novamente, a alquimia divina. Ele vê que naquele escoar-se do **Superior** para o inferior, o **Superior** está levando o inferior a participar da sua alegria e a sentir melhor a sua permanente e crescente beatitude.

Quando a **Alma** está se aproximando da porta do **Templo**, começa a ver que tudo aquilo, na verdade, é um processo para livrar-se da limitação e que todo o sofrimento está nessa limitação que a impede de compreender claramente sua unidade com seus irmãos, bem como sua unidade com o **Divino**. Rompendo a limitação, essa alegria pressentida é encontrada. Depois disso, o sofrimento é, de

novo, uma questão de separação. A separação tem origem na ignorância, e com a destruição dessa ignorância desaparece também a dor. Sente-se que essa limitação é ilusória, aparente e não-real, pois não tem parte no mundo onde o homem verdadeiro vive. Começará, com determinação, a transmutar essas faculdades de natureza inferior, e, através desse processo alquímico, vai refiná-las.

Observemos alguns casos. Tratemos, em primeiro lugar, do que é uma das grandes fontes de sofrimento no mundo inferior — a procura de prazer para o ego, sem levar em consideração os sentimentos alheios; o desejo de divertir-se em pequeno círculo em torno do qual se levanta uma cerca para o mundo exterior, e que é assim mantido para a limitada satisfação do ser inferior. Como a **Alma** tratará esse instante de busca do prazer, como algumas vezes é chamado? Há nele alguma coisa suscetível de ser modificada pelo fogo?

A busca do prazer, que sempre termina em sofrimento, pode ser transmutada numa qualidade dispensadora de alegria, a qual todos compartilham e na qual o ganho é de quem possui essa faculdade. A **Alma** percebe que pode levar a efeito essa transmutação se procurar, gradualmente, eliminar dessa busca de prazer o elemento da separatividade, através do esforço constante para se livrar do desejo de excluir, derrubando a pequena parede de ignorância, erguida em torno dela própria naqueles mundos inferiores nos quais ela está se manifestando. Quando um prazer é lembrado e obtido, o ego derrama-se para todos os seus irmãos e leva até eles a felicidade que encontrou.

Essa **Alma** que está crescendo, quando chegar a descobrir que obteve alguma força espiritual, treinar-se-á para sentir que a alegria da posse está, realmente, no ato de dar, não no ato de ganhar. Assim, o instinto da busca de prazer pode ser transmutado no poder de dar alegria, e aquele que um dia procurou o

prazer no isolamento terá a consciência de que a alegria só existe no repartir e que não vale a pena possuir seja o que for, a não ser o que é possuído quando se dá. A alegria de dar é, de fato, o sacrifício essencial, o deixar que se escoe, para todos, o que, de outra maneira, iria tornar-se inteiramente inútil, ao ficar encerrado dentro de um eu separado.

Vejamos mais um exemplo para essa mesma alquimia espiritual — o amor egoísta. Temos aqui alguma coisa superior ao instinto de busca de prazer, porque a simples palavra amor implica dádiva a outro. Contudo, esse amor ainda pode ser muito egoísta, um amor que está sempre procurando receber, ao invés de dar, um amor que, por assim procurar o proveito, mostrará, com certeza, os desagradáveis atributos do exclusivismo, do ciúme, do desejo de manter os outros à parte, e, por assim dizer, trazer o **Sol** para dentro, a fim de que brilhe apenas em sua própria moradia, não beneficiando ninguém com os seus raios.

O amor egoísta não se transformará pela diminuição do amor. Esse é o erro em que alguns homens incidem. Não será transmitido por se tornar frio, mas por ser encorajado, e tentando-se, deliberadamente, eliminar esses elementos que o degradam, observando o eu inferior, e ao perceber que ele dá início à construção de uma pequena parede de exclusão, demoli-la. Quando esse eu tenta afastar a pessoa amada da companhia de outros, é melhor dar-lhe a conhecer outras pessoas. Quando surge o sentimento do egoísmo e do ciúme, ele deve ser, ponderadamente, posto de lado, de forma que o sentimento que diz: "*Fiquemos sozinhos e gostemos disso*", seja mudado para "*Vamos juntos para o mundo, para dar e repartir com outros a alegria que juntos encontramos*".

Por esse processo de alquimia, o amor torna-se compaixão divina e se espalhará por todo o mundo. Os que encontram essa alegria, recebendo-a do ser

amado, descobrirão seu deleite deixando que se escoe para os demais aquilo que encontrou. Esse amor talvez um dia tenha sido o amor entre um homem e uma mulher e depois expandiu-se para o círculo do lar, extravasando-se ainda mais para a vida da comunidade, a vida da nação, e, então, para a vida da raça. Deverá, finalmente, expandir-se para incluir tudo quanto vive no universo. Nada terá perdido da sua profundidade, nada do seu calor, nada do seu fervor e intensidade, mas terá chegado a ser um oceano de compaixão, que inclui tudo quanto sente e vive. Tal seria, no que se refere ao amor, essa alquimia da **Alma**.

Assim, é possível observar qualidade após qualidade da natureza inferior, e retraçá-las como o foram essas duas que acabamos de citar, vendo, então, que o processo inteiro está, essencialmente, em nos livrarmos da separatividade, destruindo-a com determinação, vontade, conhecimento e compreensão. A totalidade do processo é uma alegria para o homem verdadeiro, real, por muito que o homem inferior, em sua cegueira, algumas vezes deixe de perceber.

Há ainda uma outra forma, na qual a transmutação pode acontecer. À proporção que esse fogo de sabedoria e de amor, que é a **Natureza Divina do Homem**, vai adentrando cada vez mais a natureza inferior, queimando essas limitações e transmutando-as de acordo com a sua própria imagem, há também a liberação das energias e forças espirituais que parecem, de uma forma estranha, ser o resultado do processo que estivemos re-traçando, uma alquimia da **Natureza**. A própria manifestação parece liberar energia, a própria queima do inferior libera forças sutis do superior. O resultado da queima é a liberação da vida espiritual, o libertar o que estava tolhido e não podia manifestar-se, mas que, quando a película externa for queimada, estará liberta para trabalhar no mundo.

À medida que a **Alma** vai se elevando para planos superiores e assimilando sua identidade e a unidade de tudo, começamos a ver, obscuramente, o contorno de uma grande verdade, aquela que teve a possibilidade, em virtude de sua unidade com as outras **Almas**, de participar com elas e ajudá-las de várias maneiras. O prêmio das realizações espirituais — as possibilidades de repouso e de bem-aventurança espiritual, que não pode ser repartido com outros — pode ser objeto de renúncia por parte dessa **Alma**, como um ato jubiloso, necessário à sua própria natureza, a fim de que tudo aquilo a que ela está renunciando torne-se propriedade comum e expanda-se através da raça dos homens, ajudando-os a acelerar a sua evolução.

Sabemos de discípulos que abrem mão do **Devachan de Adeptos** que abrem mão do **Nirvana**. Percebemos, nebulosamente, que esses seres estão alcançando o ponto de auto-identificação com seus irmãos, o que significa, para eles, uma necessidade divina de repartir aquilo que obtiveram. A verdadeira recompensa para eles não está na bem-aventurança do **Devachan**, ou na inimaginável bem-aventurança do **Nirvana**; a única alegria que lhes importa sentir é lançar tudo quanto têm ao suprimento comum, elevando assim um pouco a raça da qual fazem parte.

Captamos um indício de outra maneira pela qual esse auxílio pode às vezes ser dado. No grande âmbito da lei que jamais pode ser rompida, pode haver dor e sofrimento para uma **Alma**, e dessa dor e desse sofrimento ela própria foi a semeadora e a causa, no passado. É possível, para o que compreende que ele próprio e aquela **Alma** sofredora são um só plano da **Realidade**, manter-se, por assim dizer, ao lado de tal **Alma**, insuflando-lhe força e energia. Assim, enquanto o fardo é suportado por quem criou, ainda assim são lançados sobre aquela **Alma**

uma força nova, uma nova vida e um novo entendimento, o que lhe torna possível o cumprimento da sua tarefa, o que não modifica essa tarefa, mas modifica a atitude da **Alma**. Essa é uma das maiores alegrias e a mais alta recompensa que pode ter a **Alma** que está crescendo, e nada pede para si própria senão a possibilidade de servir.

O auxílio dado é o fortalecimento da **Alma** irmã, não a libertação da carga por ela construída, e que, para seu próprio bem, ela deve suportar. Mas isso transforma a dor da penalidade aceita na serena resignação diante de um sofrimento bem-merecido, que ensina sua própria lição. A **Alma** assim auxiliada sente-se jubilosa, mesmo enquanto carrega o peso do seu **Karma**. A dádiva que lhe é atribuída com ele é uma dádiva que a faz mais forte, agora e no futuro, e que representa o escoar da **Vida Divina** para ela, proveniente do plano onde todas as **Almas** são uma só. Aquele plano está sempre repleto de energia espiritual que pode ajudar pela constante oferta dos que encontraram a alegria divina de dar de si aos outros.

Por que se chama ao Caminho o "*Caminho da Atribuição*", se ele se torna cada vez mais radiante com essa alegria divina? Enfrentando a encosta da montanha, nesse determinado desejo de subir mais depressa, um efeito inevitável do esforço deve ser a concentração, em poucas vidas, das conseqüências que, de outra maneira, iriam espalhar-se por muitas; a descida, sobre a **Alma**, do **Karma** do passado. Isso agora tem de ser encarado e tratado em muito pouco tempo, portanto, com a adição de um tremendo vigor na intensidade. Quando isso tomba sobre a **Alma**, pode vir com força espantosa, energia enceguedora, que a levam a compreender o sofrimento como nunca o compreendera antes. Contudo, mesmo então, não é a própria alma que sente os desgostos; é a natureza inferior, ainda

cega, e sempre instigada a adiantar-se pela natureza superior. Mesmo nesse momento de amarga prova, quando tudo o que foi acumulado em muitas vidas passadas vem chegando, a **Alma**, em si mesma, é um ponto de paz. Está contente por fazer rapidamente o que de outra maneira iria durar através de muitas vidas, e porque naquele fogo, violento, mas breve, a escória do passado seria completamente purificada, e porque ela, a **Alma**, ficaria livre para seguir adiante em sua vida, que só ela reconhece como desejável.

Aquele caminho também foi chamado o **Caminho da Atribuição**, porque, entrando nele, o discípulo deve abrir mão de muita coisa que significa prazer para o mundo — prazer dos sentidos, prazeres da vida mundana, gozos de todos os tipos. A **Alma** que resolveu escalar a montanha perdeu, contudo, o gosto por eles. Essa **Alma** procura algo que não definha e alegrias imperecíveis. E embora o **Caminho**, visto de fora, possa parecer um **Caminho de Renúncia**, é uma renúncia que por outro lado significa alegria, paz e prazer aumentados. Porque não é a aceitação dos desgostos por prazer, mas o abandono de uma felicidade passageira pela eterna bem-aventurança, o abandono de uma coisa que pode ser tirada por circunstâncias exteriores, trocando-a pelo que é a posse interior da própria **Alma**, alegrias que não podem ser obscurecidas, manchadas ou enevoadas pela mudança nos acontecimentos terrenos.

À proporção que a **Alma** adianta-se pelo **Caminho**, a alegria aprofunda-se cada vez mais, porque vemos, desde o início, que o desgosto tem sua origem na ignorância. Há os que talvez procurem o Caminho por causa dos desgostos. Observam o mundo e vêem desgraça e angústia por todos os lados e o sofrimento de homens, mulheres e crianças voltando, século após século, milênio após milênio. Vêem homens sofrendo sem saber o porquê desse sofrimento e, assim, sentem o

acúleo da ignorância, que é, realmente, a essência da dor. Olhando em redor o mundo mergulhado na ignorância, o coração dos homens que vão ser os **Salvadores** da humanidade sente o infortúnio da terra, e isso os inspira a procurar, para esse infortúnio, o Caminho da Libertação.

Olhando para **Esses Grandes** e vislumbrando centelhas de **Suas Vidas**, tal como podemos vê-las através da tradição e da história, jamais vos ocorreu que a agonia pela qual Eles passaram existiu antes que vissem a luz ? Aquela agonia foi a do desamparado, o reflexo dos desgostos que Eles sentiram quando ainda não viam a causa, do desgosto que sentiram quando ainda não conheciam a cura.

Observem o sofrimento daquele **Homem Divino**, que tantos milhões da nossa raça consideram, hoje, o maior, o mais alto, a verdadeira flor da humanidade, **Buda**. Lembram-se de como Ele procurava a causa da dor, de como lamentava a ignorância e o sofrimento do mundo, como não via de que maneira aquelas dores podiam ser curadas? Ele se submeteu aos sofrimentos, à dor e à auto-rejeição, renunciou à sua esposa e ao seu filho, ao palácio, ao lar, ao reino. Saiu levando apenas a tigela do mendigo, sozinho na selva, longe da companhia dos homens.

Ele não sabia — dizia-se — como salvar o mundo e não podia sentir-se em paz enquanto o mundo sofria. Arrostando perigos, dores, mortificações corporais e a mais profunda treva da mente que procurava ver e não conseguia. Por fim, sentado sob uma árvore, veio a iluminação. Conheceu a causa da dor. E veio o tempo em que a angústia se desvaneceu e a alegria tomou-lhe o lugar, quando, com palavras que vêm soando através dos séculos, palavras saídas de **Seus** lábios, veio também um grito de triunfo, de júbilo, de felicidade, que nunca será modificado. Talvez recordem os termos com que um poeta inglês exprimiu as **Suas** palavras,

mostrando como a ignorância é a causa da dor e como o conhecimento faz antever a chegada da alegria:

*Eu, Buda, que chorei com as lágrimas de todos
os meus irmãos,
Cujo coração foi dilacerado pelos desgostos do
mundo inteiro.
Rio e estou alegre, porque há liberdade*.*

Liberdade! Mas isso é alegria. As lágrimas vêm da ignorância, da cegueira. O coração estava dilacerado pelos desgostos do mundo, como os corações dos homens estão partidos agora porque não sabem. Mas há liberdade. E a mensagem da liberdade diz que a causa da dor está em nós próprios e não no universo. Ela está em nossa ignorância e não na natureza das coisas; está em nossa cegueira e não na vida. Assim, quando a luz vem, a liberdade chega com ela, e a alegria e o riso do homem, como se diz, tornam-se divinos, porque a luz divina flui para a **Sua Alma**. Ele é o iluminado, o sábio. Para o sábio, o desgosto não existe, para a **Alma** divinamente iluminada, o infortúnio está morto para todo o sempre.

* Edwin Arnold, *The Light of Ásia* (originalmente publicado pela *Theosophical Publishing House*, Quest Books, 1969), p. 138. Em português, *A luz da Ásia*, Ed. Pensamento, São Paulo.

V. NO LIMIAR

O aspirante agora está diante das **Portas de Ouro** que, transpostas, levam o homem para o interior do grande **Templo**, de onde aquele que entra nunca mais sai. Todos os que habitam esse **Pátio Externo** parecem ter uma característica comum. São muito diferentes em suas qualidades morais e mentais, no progresso que fazem, nas qualificações que já obtiveram, em sua aptidão para avançar, mas uma coisa eles todos parecem ter em comum: a dedicação. Eles têm um propósito definido diante de si, compreendem positiva e nitidamente aquilo a que estão aspirando.

Na literatura sagrada de outros países, a ênfase é posta nessa qualidade de dedicação, de um propósito definido de trabalhar com afinco, de maneira precisa. Em alguns dos livros antigos, pertencentes às crenças hindus, a negligência é apontada como uma das faltas mais perigosas. A dedicação, por outro lado, é uma das aquisições mais valiosas.

Todos os que alcançaram o estágio a que nos estamos referindo passaram para além dos grilhões que separam um credo dos outros, compreenderam que todos os credos têm os mesmos grandes ensinamentos, e que todas as pessoas religiosas têm um idêntico e grandioso alvo. Não é de surpreender, portanto, o fato de que, voltados para as **Escrituras** que pertencem a uma ou outra fé, já que todas elas vêm da mesma grande **Fraternidade de Mestres**, cheguemos a encontrar as mesmas características que estão acentuadas no aspirante. Todas elas falam dessa qualidade de dedicação como uma das mais essenciais para aquele que virá a ser um discípulo.

Tão claramente, talvez, e um tanto mais pormenorizado do que em qualquer outro lugar, veremos essa qualidade exposta no segundo capítulo do **Dhammapada**^{*}. Ele diz:

Se uma pessoa dedicada estimulou-se, se ela não for descuidada, se suas ações são puras, se usa de ponderação em seus atos, se sabe reprimir-se e vive de acordo com a lei, então sua glória crescerá.

Estimulando-se, pela dedicação, pela restrição e pelo controle, o homem sábio pode fazer para si próprio uma ilha, que torrente alguma poderá submergir.

Tolos entregam-se a vaidade, porque são homens de mau discernimento. O sábio mantém a dedicação como sua jóia preciosa. Não segue a vaidade, nem os gozos do amor e da luxúria. O que é dedicado e meditativo obtém júbilo ilimitado.

Quando o homem culto, com sua dedicação, afasta a vaidade, ele, o sábio, olha para baixo, para os tolos. Sereno, observa a multidão que labuta, tal como alguém que está no alto de uma montanha olha os que estão embaixo, na planície.

Dedicado entre os negligentes, desperto entre os que dormem, o sábio avança como o que disputa uma corrida avança, deixando a turba atrás de si. Pela dedicação, Maghavan ascendeu à autoridade suprema dos Deuses. As pessoas louvam a dedicação, a negligência é sempre

^{*} Coletânea de sentenças que forma o compêndio mais antigo e autêntico do Budismo. Palavra sânscrita que significa "máximas de religião" ou "caminho da lei". (N. T.)

censurada. Um Bhikshu que se deleita na dedicação, que vê com receio a negligência, move-se como o fogo, queimando todas as suas algemas, pequenas ou grandes.*

Olhando para trás, para todo o trabalho que estivemos descrevendo, podemos ver como essa qualidade de dedicação está subjacente em toda a purificação da natureza, no controle dos pensamentos, na formação do caráter, na transmutação das qualidades inferiores em superiores. Todo esse trabalho pressupõe a natureza dedicada que reconheceu seu objetivo e está, determinadamente, buscando alcançar a sua meta.

Essa característica apresenta-se de forma bastante enfática àqueles cujos olhos estão abertos. O caráter de uma pessoa pode ser claramente lido na chamada "aura" que a circunda. Nos seus primeiros e pretéritos dias, a **Alma** era uma coisa das mais indefinidas. Foi comparada a uma espécie de espiral de névoa, sem contorno aparente, sem limite marcado com nitidez. Agora, à proporção que a **Alma** progride, essa espiral de névoa assume uma forma cada vez mais definida, e a aura da pessoa toma, por sua vez, um feitio correspondente, mais nítido, mais e mais definido. Ao invés de extinguir-se vagamente, apagando-se no nada, apresentará contorno claro e preciso, contorno esse que se fará tanto mais nítido quanto mais a individualidade se afirmar.

Então, se estivermos observando as pessoas no **Pátio Externo**, elas terão suas auras bem-definidas. Não só demonstrarão qualidades bem-marcadas, mas essas qualidades ficarão claramente assinaladas exteriormente. E essa nitidez da aura é o sinal do caráter definitivo que a **Alma individual** está assumindo. Essa

* Dhammapada, capítulo II.

condição da **Alma** é algo que se destaca à proporção que ela se adianta. A posição da Alma não lhe é dada como favor arbitrário por parte de alguém, não vem de nenhum tipo de sorte, nem depende de qualquer espécie de circunstância. É uma condição clara e definida, demonstrando qualidades positivamente obtidas, poderes ganhos. Isso é visível a qualquer observador que tenha desenvolvido, em si mesmo, a possibilidade de visão para além daquela que concerne apenas às coisas materiais.

Enquanto os aspirantes estiverem no **Centro Externo** — isso foi dito, com muita veracidade, naquele maravilhoso e pequeno tratado, **Luz no caminho** —, as iniciações são as da vida. Não são as claras e exatas Iniciações que vêm mais tarde, a primeira das quais chega quando se transpõe as **Portas de Ouro**. São as constantes iniciações que aparecem no caminho do candidato enquanto ele faz sua passagem pela vida cotidiana. Em sentido muito real, a vida, nesse ponto, pode ser chamada a **Grande Iniciadora**. Todas as provas pelas quais o candidato está passando aqui, nesta vida, experimentam suas forças e desenvolvem suas faculdades. Em **Luz no caminho**, certas condições são estabelecidas, que, segundo se afirma, também se acham apontadas, em todas as **Lojas** de uma autêntica **Fraternidade**, na câmara que fica à frente da **Loja** propriamente dita. Essas regras são escritas em linguagem mística, mas bastante inteligível, embora como em toda linguagem mística possam, na verdade, surgir dificuldades, por se fazer uma interpretação literal das palavras, ao invés da explanação das verdades que as palavras tentam expressar.

As quatro grandes verdades escritas na antecâmara são as seguintes:

Antes que os olhos possam ver devem ser incapazes de chorar.

Antes que os ouvidos possam ouvir devem ter perdido a sensibilidade.

Antes que a voz possa falar na presença dos Mestres deve ter perdido a possibilidade de ferir.

Antes que a Alma possa ficar na presença dos Mestres é necessário que seus pés tenham sido lavados no sangue do coração.*

Os comentários sobre **Luz** no caminho merecem estudo cuidadoso, pois explicam grande parte das dificuldades que o estudante talvez encontre no tratado propriamente dito, e podem ajudá-lo, sem dúvida, a evitar a super-literalidade e a captar a significação interior dessas quatro **Verdades**. Afirma-se, nesses comentários, que o significado da primeira frase, "*Antes que os olhos possam ver devem ser incapazes de chorar*", é o de que a **Alma** deve passar da vida de sensação para a vida de conhecimento, seguindo aquém e além do ponto em que é agitada constantemente pela via dos sentidos, para a região do conhecimento, onde existe a estabilidade, onde há serenidade e paz.

Os olhos são as janelas da **Alma**, e essas janelas podem ficar embaçadas pela umidade da vida, como se diz. Tudo isso é o efeito daquelas vividas sensações, lançando névoa sobre as janelas da **Alma**, de modo que ela não pode perceber claramente quando olha através delas. Essa névoa vem do mundo exterior e não do interior, da personalidade e não da **Alma**. E é, portanto,

* *Light on the Path* (originalmente publicado pela *Theosophical Publishing House*, Quest Miniatures, 1980), p. 5. Em português, *Luz no caminho*, Ed. Pensamento, São Paulo.

representada como lágrimas, porque as lágrimas podem ser tomadas como símbolos de violenta emoção, seja de dor, seja de prazer.

Até que os olhos se tornem incapazes de tais lágrimas, até que as janelas da alma não mais sejam embaçadas pela umidade que pode ser lançada sobre elas, do exterior, até que essas janelas fiquem claras, e a luz do conhecimento passe através delas, é impossível que os olhos da **Alma** possam realmente ver. O discípulo não perderá sua sensibilidade, porque está dito que ele sofrerá ou se deleitará mais intensamente do que os outros homens. Nem o sofrimento, nem a alegria, entretanto, poderão movê-lo do seu propósito, ou tirá-lo daquele ponto de equilíbrio, produto da firmeza do conhecimento obtido. Esse conhecimento é a compreensão do permanente, portanto a impossibilidade, para o transitório e o irreal, de lançar qualquer véu decisivo sobre a visão da **Alma**.

O mesmo se dá com a segunda verdade: "*Antes que o ouvido possa ouvir deve ter perdido a sensibilidade.*" A **Alma** deve ter alcançado o local do silêncio, porque, como foi dito, embora a voz dos **Mestres** esteja sempre soando no mundo, os ouvidos do homem não a ouvem, enquanto estiverem tomados pelos sons da vida exterior. Não se trata de silêncio por parte do **Mestre**, porque ele está eternamente falando, apenas os sons que estão mais próximos do discípulo são de tal forma mais altos, que aquela harmonia, mais doce, mais suave, vê-se impossibilitada de penetrar no ouvido. Portanto, é necessário que o discípulo, enquanto ainda está no **Pátio Externo**, alcance o local de silêncio, a fim de que o som verdadeiro possa ser ouvido. Esse local de silêncio que ele alcança deve, durante algum tempo, causar uma sensação de falta de sensibilidade, por causa da quietude que ali reina, por causa da ininterrupta serenidade da qual a **Alma** é consciente.

Habitados como estamos a todos os sons que nos rodeiam, sentimos, quando o silêncio cai por um momento sobre a **Alma**, uma impressão de inabilidade. É como se penetrássemos num abismo onde não conseguimos tomar pé, e de onde se passa para uma escuridão que se assemelha a uma mortalha que tivesse caído sobre a **Alma**. Isso traz uma sensação de absoluta solidão, de vacuidade, sensação de que tudo se afastou, de que toda a vida se desvaneceu, com a cessação dos sons e das coisas vivas. Afirma-se que, embora o próprio **Mestre** esteja ali, segurando a mão do **Discípulo**, este tem a sensação de que a mão se encontra vazia. Ele perdeu de vista o **Mestre** e tudo que se foi antes **Dele**.

Nesse momento de silêncio parece haver certa pausa. Tudo parece estar parado, embora fosse a própria vida da **Alma**. Através desse silêncio, a voz soa do outro lado, a voz que, uma vez ouvida no silêncio, é ouvida para todo o sempre, entre todos os sons. Nenhum som que a terra pode produzir poderá, doravante, mesmo por um momento, amortecer a harmonia que assim falou uma vez à **Alma**.

Diz-se que essas duas verdades devem ser sentidas, devem constituir uma experiência, antes que a verdadeira **Porta de Ouro** possa ser tocada; essas duas verdades devem ser compreendidas pelo aspirante, antes que lhe seja possível ficar à soleira, e ali esperar permissão para entrar no próprio **Templo**. Muitas coisas estão escritas naquela antecâmara, coisas que devem ser trabalhadas do outro lado, e que se acham escritas para orientar o aspirante, a fim de que ele venha a conhecer a linha ao longo da qual terá de caminhar, para que possa iniciar a preparação para o trabalho que está dentro do **Templo**. Poderia parecer, pela descrição, que essas duas grandes **Verdades** — como o poder de falar na presença dos **Mestres** e o de ficar diante **Deles**, face a face — fossem compreendidas integralmente, pelo menos no outro lado, mesmo que uma tentativa fosse feita no

Pátio Externo, para levá-las a desabrochar na **Alma**. Porque dizem que o poder de falar na presença dos **Mestres** é o apelo ao grande **Poder** que está à frente do **Raio** ao qual o aspirante pertence. Ele ecoa, subindo, e então ecoa novamente, descendo para o discípulo, e do discípulo sai para o mundo.

Ele consiste no seu apelo por conhecimento, e, em resposta, lhe é dado o poder de falar no conhecimento que recebe. Só há uma condição que permite ao discípulo falar em presença **Deles**, e é a de que ele, por sua vez, fale a outros do conhecimento que obteve, e faça de si próprio um elo daquela grande cadeia que reúne o **Mais Alto** ao mais baixo. Se ele pede para tornar-se um neófito, deve, de imediato, tornar-se um servo, porque não pode receber, a menos que esteja disposto a repartir.

Esse poder de falar não é o poder da fala que vem de fora, que pertence, antes, aos planos inferiores, mas aquele poder que fala de **Alma** para **Alma**. Ele mostra o caminho aos que o estão procurando, transmitindo-lhes, porém, a verdade que as palavras expressam tão imperfeitamente. Esse poder de falar de **Alma** para **Alma** é concedido ao neófito apenas se dele desejar fazer uso para o serviço, tornando-se uma das línguas de fogo vivo que se movem entre o mundo dos homens e lhes falam do segredo que eles estão procurando.

Então, vem à última **Verdade**, a que afirma não poder ninguém postar-se em presença dos **Mestres**, exceto aqueles cujos pés foram lavados no sangue do coração. Com isso quer-se significar que da mesma forma como as lágrimas representam esse orvalho da vida que vem de uma intensa comoção, o sangue do coração representa a própria vida. Ele diz que o aspirante já não reivindica a vida para si mesmo, mas está disposto a deixar que ela se expanda para além da sua pessoa, de forma que o mundo inteiro possa partilhá-la. Sendo a vida a coisa mais

preciosa que o homem tem, isso, afirma-se, é o que ele deve deixar, antes de poder postar-se na presença daqueles que tudo deram. Ele já não almeja viver para si próprio, não mais procura o nascimento pelo que possa auferir com isso, ou pelo que possa obter como experiência. Ele lavou seus pés com o sangue do seu coração, abandonou o desejo da vida para si próprio e está mantendo essa vida para o bem da raça, a serviço da humanidade.

Esse sacrifício absoluto de toda a vida é, em sua última perfeição, para aqueles que estão no limiar do Adeptado, a conquista do mais elevado. Esse é um dos últimos triunfos do **Arhat**, que está exatamente sob aquele ponto em que todo o conhecimento é obtido, e nada mais há a aprender, nada mais a ganhar. O conhecimento, que irá fazer-se uma realidade viva, é um auxílio para a orientação da vida. Portanto, penso que isso está escrito na antecâmara, embora não haja ninguém nessa antecâmara que possa estar perfeitamente seguro de obtê-lo.

Tratando, então, desses estágios que nos levam ao limiar, começamos a compreender algo do que virão a ser os que estão à **Porta** e transpõem o **Limiar**. Eles terão outras vidas diante de si, nas quais muito será realizado, ainda com quatro grandes estágios a serem empreendidos antes de alcançarem a elevada posição de **Adepto**. Vemos que são pessoas de propósitos definidos, de caráter definido, de vidas depuradas, de paixões extintas ou em extinção, de temperamento auto-controlado, ansiando por servir, com aspirações à pureza, ou às mais altas nobrezas da vida. Por um momento que seja, deixemos que nossos olhos pousem, embora só possam fazer isso de maneira imperfeita, sobre os quatro estágios que se encontram dentro do **Templo**, cada um deles com seu **Portal** próprio, e sendo cada **Portal** uma das grandes **Iniciações**.

O primeiro é descrito como a Iniciação recebida por aquele que "*entra na corrente*". Podemos ler isso em *A voz do silêncio* e em outros trechos de muitos livros esotéricos. Ela marca um passo claro e definido que torna possíveis a passagem pelo limiar e a entrada no **Templo**.

Num trecho de *A voz do silêncio* afirma-se ser raro, para o candidato que entra na corrente, conquistar sua meta na mesma vida. Geralmente há sete vidas pelas quais ele deve passar, antes que seja dado o último passo, mas não se deve aceitar essas palavras com demasiada certeza. Porque as vidas são efeitos, não sendo medidas pelos nascimentos e mortes dos mortais. Elas são, talvez com maior freqüência, antes estágios de progresso do que vidas humanas, mas, ainda assim, às vezes medem-se entre o berço e o túmulo.

Desses seres se diz que passaram, vida após vida, sem romper a autoconsciência. Na passagem das vidas que eles viveram, certas e derradeiras fraquezas da natureza humana são rejeitadas, uma a uma, rejeitadas para sempre, completamente. Já não há, agora, os trabalhos incompletos do **Pátio Externo**, os esforços não-terminados, as tentativas não-cumpridas. Aqui, cada trabalho empreendido é perfeitamente realizado, e em cada um desses estágios certas fraquezas explícitas são descartadas para sempre, enquanto o discípulo avança para a integral manifestação do Divino no homem.

Da segunda **Iniciação** diz-se que aquele que passa por ela só recebe o nascimento uma vez mais. Ele pode voltar muitas vezes à encarnação voluntária, mas pela sua própria e livre vontade de servir e não pelo fato de estar preso à roda dos nascimentos e mortes. Passando por esse estágio, ele alcança o terceiro **Portal**, a terceira grande **Iniciação**, e não mais recebe o nascimento, porque passará para o

quarto estágio, que o leva ao limiar sim surgiram clara e indubitavelmente expressas na própria aura de que falei e que circunda todas as pessoas.

É evidente que tal poder, um dos mais inferiores do **Caminho**, não deveria ser posto em mãos de quem quer que fosse que não tivesse aprendido, através da sua luta pessoal, a solidarizar-se com o mais fraco, dar-lhe auxílio e manifestar-lhe compaixão, em lugar de condená-lo. É certo e justo que a exigência se mostre rígida, antes que o aspirante receba permissão para transpor o limiar. É preciso que tenha sido deixada uma porção relativamente pequena, pelo menos, dessas falhas comuns dos homens, antes que ele caminhe para dentro daquele poderoso Templo, onde há lugar apenas para os auxiliares, servidores e amorosos da humanidade.

A tarefa que ele ainda tem de cumprir é de tal modo gigantesca, que um bom progresso parece necessário antes que ele possa enfrentá-la. Terá de livrar-se de qualquer traço de fraqueza humana, de obter todo o conhecimento que lhe for possível dentro dos limites do nosso sistema, e desenvolver os poderes que colocam todo esse conhecimento ao seu alcance quando quiser, de forma que apenas dirigindo a atenção para onde quer que seja, tudo que ali está e possa ser conhecido passe para o conhecimento do observador. Porque essa, e nada menos do que essa, é a posição do **Adepto**. O **Adepto** é "*aquele que nada mais tem a aprender*".

Se não houvesse os homens que fizeram isso, e o estão fazendo, tal coisa pareceria fora de qualquer possibilidade. Nesse curto prazo de vidas, o aspirante deve partir do estágio relativamente inferior, que marca a primeira Iniciação, para a altura sublime, onde os **Adeptos** aperfeiçoados estão como a própria flor e perfeição da evolução da **Humanidade**. Essa é a tarefa que está dentro do **Templo**. Nem o mais leve traço de fraqueza humana ou da humana

ignorância deve ficar preso ao **Arhat** que está preparado para a Iniciação final. Não é de admirar que o alicerce de que falamos, e que deve suportar o peso de tão importante edifício, e sobre o qual uma tão vasta superestrutura irá ser erigida, deva ser forte e firme.

Quando os olhos são abertos, o **Caminho** deve parecer muito mais alto e longo do que é, para aqueles cujos olhos estão nublados no lado de cá da **Porta**, porque uma **Alma** deve ver com a maior clareza. Aqueles que estão acolá devem medir com exatidão a distância que os separa **Deles**. À luz daquela glória perfeita, como deve parecer fosca sua própria conquista, como parece imensurável sua própria ignorância, sob a luz do perfeito conhecimento **Deles**.

Mas as situações serão diferentes. Ali está o vigor de homens que cruzaram o limiar, passando para um estado de vida muito diferente daquele que deixaram para trás. O que parecia impossível aqui torna-se possível ali, e o que dava a impressão de ser muito difícil torna-se relativamente fácil.

Embora possamos não entender inteiramente todos os aspectos da vida do outro lado, há alguns deles sobre os quais podemos pensar e que mostram quão diferente é a vida dentro do **Templo**. Antes de mais nada, os homens que ali estão compreendem — e muita coisa existe na palavra "*compreender*". Lembramos o grito de triunfo que partiu dos lábios de **Buda** quando Ele proclamou o fim dos liames e a descoberta da liberdade. Tal grito, para aqueles que estavam no mundo exterior, revelava-lhes qual era a causa da dor e também falava da sua cessação, que está na compreensão da realidade.

*Ó Vós que sofreis! Sabei
que o sofrimento parte de vós mesmos.*

Nada mais compele,

Nada mais vos obriga a viver e a morrer.*

O homem que transpôs o limiar sabe que isso é uma verdade. Os homens sofrem por eles próprios. Não são forçados a tanto. Quando chegam a compreender tal coisa, o mundo inteiro deve mudar diante dos seus olhos e todas as dificuldades do **Caminho** mudarão de aspecto.

Todas essas perturbações e dificuldades do mundo nascem da ignorância desse mesmo mundo, e os homens sofrem porque não sabem que passam de vida para vida, e crescem tão pouco porque não o sabem. A roda de nascimentos e mortes a que estão presos só os mantém ali por causa da sua falta de conhecimento, por não compreenderem que estão realmente livres somente pela compreensão.

Quando surge a compreensão, por débil que seja, mas ainda assim com inteira convicção, o mundo todo muda seus aspectos para esse homem que cruzou o limiar. Olhando para trás, para o mundo com todas as suas dores e angústias, com seus olhos lacrime antes e corações dilacerados, ele sabe que há um fim para a dor, que esse fim aparece quando cessa a ignorância. Assim, aquele esfacelamento do coração desaparece. Embora a dor possa não ser completamente suplantada, aquilo que a tornava desespero e desesperança desapareceu da sua alma para todo o sempre.

O que insufla, não a esperança de um amanhecer, mas do nascer do sol e da certeza do dia que vem, não é apenas a mudança da situação existente do outro lado do limiar. Um dos grandes benefícios consiste na aquisição de uma

* *The Light of Ásia*, p. 138.

consciência que se conservará inalterável e sobre a qual a morte não terá poder, sobre a qual o nascimento já não pode passar a esponja do esquecimento. Essa consciência tem de ser contínua autoconsciência. Não pode, jamais, ser totalmente perdida, desde que se iniciou no homem, mas não se transfere para a consciência inferior, nas vidas que estão no lado mundano do **Templo**. Dentro do **Templo**, a autoconsciência é um conhecimento integral, de forma que a **Alma** possa olhar para a frente e para trás, sentindo-se forte pelo conhecimento do **Eu** imortal.

Dois dos mais atrozes sofrimentos são a separação e a morte — separação pelo espaço, quando centenas de milhares de léguas separam amigos—, e a separação que vem com a descida do véu da morte. Mas a separação e a morte não existem para aquele que transpôs o limiar. Com os grilhões da ignorância ainda sobre ele, pelo menos parcialmente, pode sentir alguma angústia com a separação pela distância ou pela morte, mas isso não consegue realmente perturbar sua vida ou romper sua consciência. É só enquanto está no corpo que a separação existe para ele, e ele pode estar fora do corpo quando desejar, e ir para onde o espaço e o tempo já não podem detê-lo. Esses dois, entre os grandes sofrimentos, foram extirpados da sua vida, são males do passado, e em suas formas mais terríveis estão terminados para todo o sempre.

Isso não é tudo nessa imensa mudança de condições na vida do discípulo. Ele sabe que nas vidas que tem pela frente não se deixará resvalar para trás e sentir o que sentia nas vidas que ficaram no passado. Nunca mais virá inconsciente para o mundo, perdendo talvez a metade da vida por não saber o que procura. Nem tornará a vir ignorante de tudo, no momento engeguecido pela matéria que o envolve e sem conhecer o verdadeiro propósito da vida. Ele voltará com conhecimento, para progredir, e a responsabilidade será unicamente sua se não

fizer nada por se adiantar. Ele ganhou a consciência que torna o progresso possível. Qualquer inércia ou frouxidão será sua própria falta, de modo nenhum uma necessidade em sua vida.

Além disso, suas condições serão mudadas pelo novo companheirismo de que será parte, companheirismo onde não há nuvens, onde não irão surgir dúvidas ou suspeitas, companheirismo acima de todas as névoas da terra, onde tal coisa não tem lugar, não podendo, assim, perturbar a **Alma**. Porque, entrando para o **Templo**, ela se viu diante dos **Grandes Professores**, os **Mestres**, e com essa possibilidade de contato com tão elevado companheirismo, toda a vida transformou-se para aquele homem, e para todo o sempre. Ele teve contato com o permanente, e o transitório não pode mais perturbá-lo como nos dias em que ainda não conhecia o **Eterno**. Seus pés estão firmes sobre o rochedo, e as ondas não poderão arrastá-lo dali e dar-lhe novamente o dissabor de nadar em mar encapelado.

Por outro lado, embora sua tarefa seja importante, as condições se mostram tão diferentes que ela parece menos impossível de se realizar. Começamos por compreender por que ela foi executada no passado, e por que está sendo executada no presente. Começamos a compreender que aqueles passos pelo flanco da montanha, embora parecessem elevar tanto a **Alma**, podem ser dados com rapidez relativa sob condições diferentes. A evolução pode ser bem rápida, quase que para além de todos os sonhos, quando os poderes da **Alma** assim se vão desdobrando. As trevas foram dissipadas e a luz é vista.

Uma após outra, as últimas fases da fraqueza humana estão desaparecendo, e a Alma resplandece, forte, calma e pura. A ilusão do eu inferior desaparece, e todos os homens são vistos como sendo "*um*" com o verdadeiro **Eu**. A dúvida está se desvanecendo, pois o conhecimento a substituiu. Quando a **Alma**

apreende a realidade das coisas, a dúvida faz-se impossível para sempre. Toda dependência do que é externo, do que é transitório, também desaparecerá da **Alma**, porque em seu vivido contato com as realidades, as coisas exteriores devem tomar sua devida proporção. Ela aprenderá como essas coisas exteriores são pouco relevantes. Todas as coisas que separam os homens são sempre sombras e não realidades. Todas as diferenças de religiões, todos os ritos e cerimônias esotéricas pertencem ao mundo inferior, são apenas paredes ilusórias erguidas entre as **Almas** dos homens. Esses grilhões de sombra desaparecem para a **Alma** que está aprendendo.

Os poderes da **Alma** desabrocharão; visão e audição, obtenção de conhecimento jamais sonhado até então fluem de todos os lados. A **Alma** não mais está limitada pelos sentidos, como aqui embaixo, não mais quase todo o **Universo** lhe está fechado, apenas um fragmento dele, aqui e ali, encontrando caminho para ela, como conhecimento. A obtenção de conhecimento assemelha-se a um processo de vida continuamente aumentado, fluindo constantemente para a **Alma** que se abriu de todos os lados para recebê-lo.

Mais adiante vemos, vagamente, que a **Alma** se está livrando daquelas sombras eterizadas do desejo, que ainda parecem agarrar-se a ela, últimos contatos, por assim dizer, da vida terrena que talvez tenham o poder de detê-la. Quando, porém, chegamos à última Iniciação, exceto a mais elevada, **Arhat**, descobrimos que é impossível imaginar que possam existir quaisquer grilhões, quaisquer manchas, numa situação de tal modo elevada. É verdade que está escrito que o caminho do **Arhat** é "*difícil de se entender como o dos pássaros no ar*", porque, como os pássaros, ele parece não guardar pegadas. Dá a impressão de que voa pelo seu caminho, intocado, sem grilhões, naquela alta atmosfera em que se

move. Daquela região vem uma sensação de paz inalterada, que nada pode perturbar. Ela mantém-se inatacável por qualquer tempestade da terra, numa paz que nada pode estorvar.

Tolerante como a terra, como o raio de **Indra**, ela é como um lago sem lodo; não há novos nascimentos à sua espera. Seu pensamento é tranqüilo, tranqüilas são suas palavras e ações, quando ele obteve a liberdade pelo verdadeiro conhecimento e assim tornou-se um homem sereno*.

Dessa serenidade nos vem uma sensação de paz, de quietude, de calma imperturbada, que nada pode modificar ou arruinar. E compreendemos por que se escreveu sobre um ser assim:

*Não há sofrimento para aquele que terminou sua jornada e abandonou a angústia, aquele que se libertou e arrojou para longe todos os grilhões**.*

Assim é o **Arhat** que está no ponto mais alto do **Caminho**, que só tem um passo mais a dar, e então nada mais terá a aprender; assim são a meta e o **Caminho** que todos podem palmilhar; assim é o fim da luta, o término em perfeita paz.

Embora possa haver dificuldade, luta e sofrimento para todos os que estão no **Pátio Externo**, desde que ali entraram, eles não retornariam para onde estavam antes, nem por tudo quanto a terra lhes pudesse dar.

Porque aquele **Caminho** que se estende diante de nós é um caminho no qual a dor é melhor do que as alegrias terrenas, e os sofrimentos mais gloriosos do

* Dhammapada, capítulo VII

** Ibid.

que os gozos mundanos. Se pudéssemos comprimir dentro do espaço de uma vida humana todas as alegrias que a terra inferior pode dar, se pudéssemos coroar isso com o prazer e o poder de gozar incessantes, se pudéssemos trazer todas as alegrias do intelecto sem um toque de dor ou cansaço — vida ideal até o ponto em que a terra pode fazê-la tal —, comparada aos passos do **Caminho**, aquela vida de alegrias terrenas seria sórdida e opaca em suas cores. Suas harmonias seriam destoantes ao lado das harmonias que estão lá adiante.

Naquele **Caminho**, cada passo dado o é para sempre, cada dor sofrida é bem-recebida, pela lição que implica. Aquele **Caminho** faz-se mais brilhante à proporção que as fraquezas desaparecem, mais sereno à proporção que as vibrações da terra têm menos poder de despertar conflitos e tumultos. Seu fim, sua meta, só o pode saber quem nele está. Mas mesmo aqueles que estão nos primeiros estágios sabem que a mais íntima das suas flores vale o que todas as jóias da terra poderiam dar. Um fulgor da sua **Luz** faz com que a luz solar da terra não passe de escuridão. Os que por ali transitam conhecem a paz que traz compreensão, a alegria que as dores da terra nunca podem destruir, e o local dentro do **Templo** onde a bem-aventurança existe para sempre.



Este livro é distribuído GRATUITAMENTE pela equipe DIGITAL SOURCE e VICIADOS EM LIVROS com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de apreciar mais uma manifestação do pensamento humano.

Se você tirar algum proveito desta obra, considere seriamente a possibilidade de adquirir o original.

Incentive o autor e a publicação de novas obras!

Se quiser outros títulos nos procure.

Será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

